PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 4
MARÇO/2022
ASSINATURAS NEGRAS

EDITORIAL

Eduardo Mahon
Editor Geral

Como posso, sendo branco, escrever um editorial de uma revista inteiramente dedicada a autores negros? A questão não é verdadeiramente difícil, mas se tornou uma espécie de tabu contemporâneo após equivocadas construções do conceito de "local de fala" aplicado diretamente à produção artística. Convém, portanto, não misturar alhos com bugalhos. Uma coisa é subtrair a identidade alheia, tomando o espaço do outro. Este editor é branco. Portanto, nunca enfrentou pessoalmente nenhuma das agruras que o preconceito racial impõe diariamente contra a majoritária população negra.

Daí que posso apenas imaginar e me solidarizar com quem acho historicamente injustiçado. Nesse quesito, não há espaço para o meu testemunho pessoal, o meu relato de caso e, portanto, ao tratar de experiências reais, nunca poderei substituir alguém que seja negro. Tenho para mim clareza quanto ao tal "local de fala", incluindo aí a questão feminina, por exemplo. Toda iniciativa em sentido contrário seria uma espécie de rapto de uma voz que não é minha. Portanto, silenciamento. São premissas que precisam estar muito claras para um editor que promove um número especial especialmente dedicado ao que lhe é diferente.

Contudo, todavia, entretanto, a produção artística não está jungida a nenhum tipo de exclusivismo. Seria não só ingênuo, mas autoritário demais delimitar que apenas negros têm direito de escrever histórias sobre negros, mulheres sobre mulheres, gays sobre gays, gordos sobre gordos e homens sobre homens. Ingênuo, autoritário e intelectualmente pobre. Porque a literatura não é só espelho, mas também projeção; não só contexto, mas também desejo; não só mimetismo, mas também negação. Aliás, a "troca de pele" é um recurso dos mais eficientes para provocar a sensibilização do público. Podemos criar heterônimos como Pessoa, optar por sermos anônimos como Elena Ferrante, e até mesmo autobiográficos como Santo Agostinho e Anne Frank.

Tratando-se de arte, nada é real, muito embora sirva-se livremente da realidade. E se não é real uma autobiografia, repleta de acréscimos metafóricos, eufêmicos ou hiperbólicos, como colocar cabrestos raciais e de gênero na ficção? O busílis é enxergar que os autores respondem pela obra, mas a obra não responde pelos autores. Do contrário, poderíamos aplicar em livros o mesmo teste às cegas que um especialista faz com vinho: risca-se o nome de quem escreveu a obra e o leitor-sommelier saberá se foi negro ou branco, mulher ou homem, alto ou baixo, gay ou hetero. Em vez dos tons cítricos e notas de madeira nos vinhos, perceberemos se os autores são ricos ou pobres, têm olhos verdes ou castanhos, são velhos ou jovens.

A Revista Literária Pixé quer oferecer espaço. É uma política editorial. Aliás, não é a primeira e nem será a última vez que faremos isso. O que precisam os escritores de grupos sociais injustiçados é de visibilidade. Eis o caso dos escritores negros que, por inúmeras razões, não conseguem publicar em periódicos, não são considerados por grandes editoras e sequer comentados pela crítica.

"Assinaturas Negras", edição especial cuja curadoria é do escritor Wuldson Marcelo, conta com ilustrações de Patty Wolf. São dois artistas que foram convidados para somar nessa política editorial. Por outro lado, da mesma forma que entendemos que seria mais uma limitação se negros estivessem jungidos a tratar apenas da própria negriture, também não podemos buscar exclusivismos literários de base congênere. Por quê? Porque lugar de fala não é argumento de autoridade. Na vida – sobretudo, na arte – todo mundo se inventa e, nesse sério brincar, quem não tem talento, não se estabelece. Mas quem tem, só precisa de espaço. Um deles está aqui, nesta edição.

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Wuldson Marcelo
10 Ana Fátima
14 Carlos Orfeu
16 Catita
20 Cidinha da Silva
22 Daisy Serena
26 Danuza Lima
30 Carolina Maria de Jesus
32 Duan Kissonde
34 Fred Caju
36 Gabriel Sanpêra
38 Dra. Helenice Joviano Roque de Faria
Ma. Claudia Miranda S. Moura Franco
42 Joe Sales
44 Cruz e Sousa
46 Karine Bassi
48 Lilia Guerra
52 Lu Ain-Zaila
56 Lubi Prates
58 Lucas Litrento
60 Luciana Borges
70 **Paty Wolff**
72 Luciene Carvalho
74 Joel Rufino dos Santos
76 Meimei Bastos
80 Mel Duarte
84 Michel Yakini-Iman
86 Natasha Felix
88 Nina Maria
92 Nina Rizzi
96 Lima Barreto
98 Odair de Morais
100 Ornella Rodrigues
102 Raquel Almeida
106 Renato Negrão
108 Sergio Ballouk
112 Taylane Cruz
116 Maria Firmina dos Reis
120 Tônio Caetano
124 Wilson Alves-Bezerra
130 Zainne Lima da Silva

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Curador: Wuldson Marcelo
Artista Visual Convidada: Paty Wolff
Colaboradores desta edição: Ana Fátima, Carlos Orfeu, Catita, Cidinha da Silva, Daisy Serena, Danuza Lima, Carolina Maria de Jesus, Duan Kissonde, Fred Caju, Gabriel Sanpêra, Dra. Helenice Joviano Roque de Faria, Ma. Claudia Miranda S. Moura Franco, Joe Sales, Cruz e Sousa, Karine Bassi, Lilia Guerra, Lu Ain-Zaila, Lubi Prates, Lucas Litrento, Luciana Borges, Luciene Carvalho, Joel Rufino dos Santos, Meimei Bastos, Mel Duarte, Michel Yakini-Iman, Natasha Felix, Nina Maria. Nina Rizzi, Lima Barreto, Odair de Morais, Ornella Rodrigues, Raquel Almeida, Renato Negrão, Sergio Ballouk, Taylane Cruz, Maria Firmina dos Reis, Tônio Caetano, Wilson Alves-Bezerra, Zainne Lima da Silva
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

Wuldson Marcelo
É Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT) e graduado em Filosofia (UFMT). Autor dos livros As luzes que atravessam o pomar e outros contos (Editora Carlini & Caniato, Cuiabá, 2018), Obscuro-shi – Contos e desencontros em qualquer cidade (Editora Carlini & Caniato, Cuiabá, 2016) e Subterfúgios Urbanos (Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2013). Já organizou duas antologias de contos e poemas: Beatniks, malditos e marginais em Cuiabá: Literatura na Cidade Verde (Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2013) e I Prêmio Rodivaldo Ribeiro de Literatura (Editora Carlini & Caniato, Cuiabá, 2021). Além disso, é cineasta, roteirista e foi curador da Mostra de Cinema Negro de Mato Grosso, de 2017 a 2020. É um dos editores da revista virtual de arte e cultura Ruído Manifesto.

ASSINATURAS NEGRAS: DIVERSIDADE E POTÊNCIA DE VIDA

A gente combinamos de não morrer". A convocação no conto de Conceição Evaristo data de 2015. Hoje, pela velocidade da informação e a massificação das redes sociais, o juramento, que ganhou ao seu início a frase: "Eles combinaram de nos matar", pode ser advogado como um clichê pelos defensores do *status quo* e do politicamente incorreto, que perpetuam os diferentes níveis de desigualdades existentes no Brasil, mas é, na verdade, a voz dos excluídos, um pacto coletivo que nasce no coração da periferia, que pulsa por justiça e reconhecimento, e se torna ressonante no cotidiano de negras e negros Brasil afora. Eu existo e quero viver... Sobreviver!

Se o racismo no território verde-amarelo dos "cidadãos de bem" é estrutural, na literatura é profundo, pois falamos em silenciamento e em ensaios contínuos do genocídio e do branqueamento. Nesta perspectiva, pensar em produção literária de autoria negra está para além do racismo, ainda que concebê-la seja inextricável da discriminação de origem étnico-racial e da violência sistêmica. É indissociável do racismo, pois sabemos que a nossa juventude negra é exterminada em um suposto combate ao tráfico e ao consumo de drogas, é vítima do abuso policial e da brutalidade de seguranças em supermercados e *shoppings* (mortos por asfixia) e o pobre e o preto, o preto pobre, são os que mais morreram/morrem pela pandemia da Covid-19, seja pela falta de acesso à saúde, seja por políticas públicas inexistentes ou deficitárias.

O termo racismo já apareceu aqui três vezes. É a nossa mais genuína preocupação? Deve tomar o primeiro plano, ser como um assunto reinante entre negras, negres e negros? Não nos resumimos às nossas dores, mesmo que tão presentes, frutos da escravidão, do colonialismo, de um abolicionismo concebido para o abandono e de um estado de coisas que mantém o preconceito atual – os preconceitos estão sendo sempre atualizados, como uma besta-fera nunca alimentada o suficiente. É preciso ir além do racismo na criação artística, literária, em nossos temas e indagações.

Porém, como defende bell hooks, em *Olhares negros: raça e representação*, "Sem uma forma de nomear a nossa dor, nós também não temos palavras para articular nosso prazer. De fato, uma tarefa fundamental dos pensadores negros críticos tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser, que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores. Sem isso, como poderemos desafiar e convidar os aliados não negros e os amigos a ousar olhar para nós de jeitos diferentes, a ousar quebrar sua perspectiva colonizadora?". Ultrapassar a marginalização, a ideia de literatura de nicho, da validação a partir de narrativas que apresentam tão somente fome, miséria e preto explodindo cabeça de preto. Escapar do bloqueio que nos foi imposto. Das estatísticas, e escolher "ser um ser estético", como canta Djonga.

Uma palavra muito bonita da língua portuguesa é *potência*. Sempre a ouvi sendo proferida como forma de elogio de negre ao trabalho, criação ou obra de outre negre, mas no uso do adjetivo "potente". E ser potente é demonstrar poder, se revestir de coragem e de medo e lançar ao mundo uma voz que querem calada. Todo ato de rebeldia, todo grito de existência contém em seu DNA a coragem e o medo, opostos que não se descolam e se retroalimentam.

Por isso, quando se pensa em literatura negra, curadoria recebe um dimensionamento maior no que tange à cura, no sentido de zelo e de cuidado, pois é um cuidar dos nossos, refletir sobre representatividade para além da representação. É ancestralidade, caminho e percepção do futuro. Selecionar, organizar e montar voltado à afronta às práticas artísticas institucionais que serviram/servem ao apagamento e à brutalização dos afetos negros.

E, como uma curadoria também é formada pelas ausências, não temos alguns dos principais nomes que também romperam as barreiras do elitismo editorial e, em muitos casos, dos pré-conceitos dos jurados e pareceristas sendo destaques da literatura brasileira nas últimas décadas. A lista é enorme e ecoa uma qualidade imensurável: Conceição Evaristo, Oswaldo Camargo, Cuti, Geni Guimarães, Ana Paula Maia, Edmilson de Almeida Pereira, Jeferson Tenório, Paulo Lins, Elisa Lucinda, Cristiane Sobral, Plínio Camillo, Esmeralda Ribeiro, Ryane Leão, Ronald Augusto, Jarid Arraes, Férrez, Eliana Alves Cruz, Bianca Gonçalves, Bianca Santana, Lívia Natália, Carolina Braga Ferreira, Fátima Trinchão, Júlio Emílio Braz, Stephanie Borges, Akins Kintê, Elizandra Souza, Geovane Martins, Kiusam de Oliveira, Mel Adún, Daniela Rezende, Fábio Kabral, Mariana Correia Santos e outres. Mas não é disso que se trata, de procurar quem falta e assinalar "poréns" devido a não presença.

A digressão é para mostrar o quanto de autoras e autores negros temos neste país. São nomes a pesquisar, conhecer, ler, reler e recomendar.

Esta curadoria não pensou em um tema específico, constituindo-se no final em 22 poetas, 9 contistas e 3 ensaístas, que, inclusive, revelam e afirmam a intenção de apresentar a diversidade temática da literatura negra contemporânea, do que se produz no Brasil. São assinaturas negras.

E por que não assinatura? Justamente pela ideia de não se tratar de uma unidade formal, forçada/inventada, ou de um "universo temático" restrito a um assunto, uma preocupação. A literatura negra é também literaturas negras. Assinaturas negras, subjetividades que nos trazem a beleza e a resistência de uma irmandade, de um coletivo. Ubuntu: eu sou porque nós somos!

Deste modo, seja por serviços prestados, seja pelo futuro, as autoras e autores que aqui estão são memória e apontam o porvir, os nossos devires. Ancestralidade, realidade e utopia. Denúncia e amor. E consolidam a pergunta "quem tem medo da literatura negra?", que ajuda a questionar o mito da democracia racial e da miscigenação, um salvo-conduto para a extensão da barbárie colonialista, que consegue manejar apagamento e apropriação cultural com a mesma destreza e falta de caráter.

E a grande dúvida que se instala é: implodir o cânone ou reivindicar a presença de Carolina Maria de Jesus, Luiz Gama, Lima Barreto, Adão Ventura, Cruz e Sousa, Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Abdias Nascimento, Carlos de Assumpção, Oliveira Silveira, Joel Rufino dos Santos, entre outros? Será essa uma dúvida relevante? Por ora, acredito que seja, na verdade, uma preocupação da branquitude, que se apega à frase "não jogue o bebê junto com a água do banho", quando alguém contesta a racionalidade ocidental e, com isso, os privilégios e as exclusões na vida social (alguns nomes foram citados para integrar o cânone, então, há drops espalhados nesta edição com trecho da literatura delas/ deles, que serão chamados de "Reverência", considerando como são tratados em África os mais velhos, dentro de uma tradição que traz responsabilidade e respeito, por serem os legítimos transmissores da palavra ancestral).

A população negra tem suas urgências, como lutar por dignidade em um país racista e manter o combinado de não morrer. A literatura de autoria negra tem também suas urgências, como combater a necropolítica e reivindicar o respeito e o reconhecimento de nossos afetos e corpos, dizendo um sonoro "não" a sua brutalização, exploração e objetificação.

Um salve ao meu parceiro Rodivaldo Ribeiro, que, infelizmente, faleceu em julho de 2020. Homem negro e periférico, idealizador do site de arte e cultura Ruído Manifesto. Rodi presente!

Marielle vive!

E vale sempre lembrar: Machado de Assis era negro.

Ana Fátima (Cruz dos Santos)
É oriunda de Salvador-Bahia, licenciada em Letras Vernácula, Mestra e Doutoranda em Crítica Cultural (UNEB). Ativista do movimento negro, Iya Egbe do Ilê Axé Iboro Odé, educadora e CEO na editora Ereginga Educação. Realiza formações continuadas para professores e oficinas sobre Contação de Histórias infantis. Enquanto escritora de Literatura Negra tem poemas publicados no site da Fundação Palmares (2010), no Projeto Escritoras da Bahia (2015), no Projeto Pé de Poesia (Salvador, 2016), além de poemas e contos pela Antologia Cadernos Negros (Quilombhoje, 2014 a 2019) e Mulher Poesia I, II, III, IV, V (Cogito, 2016-2021). Recebeu prêmios literários, mantém disponível aos leitores o blog "Sangue de Barro" (negronapreta.blogspot.com), organizou a coletânea de poemas e contos Outras Carolinas: Mulherio da Bahia junto a Anajara Tavares e Lia Sena (2017). Enquanto uma das Acadêmicas fundadoras na Academia Internacional Mulheres das Letras, Ana Fátima é ocupante da cadeira 051. Em 2020, foi uma das finalistas no 62º Prêmio Jabuti de Literatura com a Antologia Cadernos Negros - contos afro-brasileiros. É autora de literatura infantil: Makeba vai à escola (Cogito, 2019, edição bilíngue), Tunde e as aves misteriosas (Editora Ereginga Educação, 2020, edição trilíngue), Tunde and the mysterious birds (Editora Ereginga Educação, 2021, edição inglês/Libras), As tranças de minha mãe (Editora Ereginga Educação, 2021) e o livro de poemas Já fui água um dia (Penalux, 2019).

UM DIA PARA SEMPRE

Não era diferente o clima, nem o ambiente, nem os rostos afogueados de emoção e o clamor era desconhecido. Mas ali estava um novo momento pra recomeçar.

Dia de manifestação na cidade. Há algum tempo, pareceu renascer das veias da população um grito pela justiça de anos adormecida no imaginário dos teimosos. Várias eram as lutas, assim como muitas eram as vozes: saúde de qualidade, mais segurança, menos impostos, transporte coletivo adequado às demandas da comunidade. O pedido de urgência era para a bendita passagem dos mais variados veículos de locomoção na cidade, engasgados no trânsito de pedestres e conflitos sociais.

Foram muitos os comentários, acertos e erros pelas redes sociais que afogueavam as discussões a respeito das competências referentes às instituições públicas e tomadas de decisão arbitrárias, sem a opinião popular. "Onde está a democracia?" – contra-argumentavam vozes embriagadas de raiva e reparação.

Os manifestantes exibiam cartazes como se eles fossem armas contra o peito; traziam em seus gritos de guerra mensagens de encorajamento e desafio à milícia. Partidos? Todos os partidos (fatiados) políticos procurando uma vaga em meio à multidão, mas logo eram enxotados e pulverizavam no ar. As pessoas não se deixavam mais suportar pelo gás tóxico que eram as promessas politiqueiras sem grandes expansões satisfatórias a todos... Existem pesquisas que comprovam o baixo contingente de afiliados nos polos Esquerda e Direita.

Em meio ao povo, Abayneh levantava sua bandeira verde-amarela, e, assim como os demais, exibia no olhar um patriotismo reluzente, cintilando esperanças em cada palavra lançada no ar. Era sua sede de liberdade. Mesmo em tempos de democracia, sempre há uma ditadura investida em mídias, camisetas e Nikes. Não seguia só: um amor o acompanhava em muitas batalhas: Rita. Turbanteira de primeira qualidade, brilhava como estrela no céu todos os dias; era muita beleza junta à garra de mulher, reafirmando a cada olhar, cada gesto e poesia a negritude de sua ancestralidade. A dupla era boa e conduzia bem muitos projetos para além da casa, roupa lavada e comida na mesa. Eram parceiros de luta.

O capital e suas contradições guiavam, fortemente, o passo de muitos dos seus amigos que, por sinal, também se encontravam vibrantes em meio a rojões, coquetéis molotov e pedras voadoras. Às vezes, passava por sua lembrança em meio àquelas vozes e atuações, teorias lukacsiana vistas em uma certa disciplina da faculdade de Ciências Sociais que cursou no início do curso. Aliás, estudar em uma faculdade pública, além de desafio, soava, para muitos, como uma ousadia, uma afronta aos "bem dotados", e ele estava ali, no centro da luta: estava se apoderando do seu direito de ecoar críticas e "palavras de ordem".

Contudo, Abayneh convertia as ofensas e resmungos em marcas azuis de um boletim impresso em branco e preto: branco era seu sorriso largo e preto era o seu olhar rumo ao horizonte enluarado envolvido à sua pele tão preta que desenhava um diamante reluzente naquele piche natural. Por vezes, em sua caminhada acadêmica junto a outros irmãos de cor, vociferou: - Ser negro nesse país de capitãs do mato e colonizadores é um desafio contra a maré de exploração aristocrática. Precisamos ter sangue no olho e punho firme, fechado pra dar na cara desses racistas.

Os colegas o achavam louco, ou extremista, mas nada desses “achismos” e deduções sem fundamento metodológico abalavam a política aguerrida do jovem ativista. Afinal, um dos seus lemas era “Se Palmares não vive mais, faremos Palmares de novo”. O poeta Limeira sempre seguia à frente de suas expressões artísticas.

(Abayneh era um rapaz tranquilo, sem muitas questões. Reservava a maior parte do tempo para estudar e ler todo tipo de literatura. Muito lhe interessava estudos filosóficos que refletissem sobre a linguagem etc. Na família, Abayneh era um grande orgulho: primeiro e único universitário entre os primos e vizinhos da comunidade Barro Pisado. Muita semente plantada para isto, além das renúncias às festas, baladas, encontros amorosos, conversa fora... tudo descartável diante da imagem do futuro antropólogo. Muito chão pra Abayneh caminhar).

Quem assistia dos prédios aquele cenário no centro da avenida, em breve, recordaria reportagens sobre o pós-guerra ou conflitos entre palestinos e afegãos. Não muito estranho em se tratando de Brasil – lugar onde tudo se encontra e pouco se encanta –, mas estava valendo tudo naquele momento. Era muita adrenalina, muita cucanolance, várias pautas em questão.

Passos firmes à frente. Em punho: cartolinas borradas com tintas e pilotos coloridos, apitos, camisas com frases estampadas, megafone a todo vapor e uma fervura na pele, que por horas era um vulcão silencioso que iniciava o espreguiçar em plena Av. Joana Angélica. Sim! Salvador é um formigueiro concentrado no Centro Comercial para mobilizar periferias.

Botinas ristes. Apontadas: bomba de gás lacrimogênio, spray com gás de pimenta, algumas “fantas” e balas de borracha. Por enquanto, apenas os militares permaneciam estanques no local preparados para impedir qualquer mosca de atravessar o bloqueio. A tensão que inspiravam fazia expirar ódio e exalar frustrações pelo céu azulado daquela manhã de março.

Abayneh liderava uma parte do grupo, gritando por justiça aos corpos negros estilhaçados todo fim de semana e pelas almas torturadas nas segundas, terças e demais feiras do país. Por momentos, compactuava com seus colegas de luta: - Não deixa o espaço aberto... aperta ai!! Vamos gritar mais alto e forte, manos! Não desanima. Essa é nossa.

Os nervos exaltados. As pupilas enfurecidas diante da indiferença governamental. Faixas à frente, botinas também. Braços hasteados. A polícia insistia no bloqueio e no avanço contramanifestação. Sujeitos na defensiva. Pontarias em ataque. Abayneh exibia um peito inflado de emoção e certeza da vitória. Um molotov voou e caiu aos pés dos Botinas: pronto! Estava instaurada a guerra.

Sem pestanejar, bombas de efeito moral (muito amoral) seguiam como aves de rapina pelas cabeças dos “caras pintadas 2”. Estes, muitas posições: respondiam com pedregulhos a jato; gritos de agonia; correria desordenada.

- Corre pros lados, gente! Não se afasta muito não... já ganhamos essa! Conduzia Abayneh, confuso, ofegante e agitado.

- Cê tá maluco, brodi? Questionou Toni, amigo de piculas, arraias e corridas de bicicletas pelo bairro desde a infância. – Os Botinas não tão de brincadeira, não! Querem meter granada em nós!

- Se nós desistirmos, aí é que eles caem pra dentro! Emocionado, Abayneh insistia na união do grupo.

Em meio ao nevoeiro de bombas e vozes aprisionadas no ar igual a uma concha presenteada pela rainha das águas salgadas, Abayneh paralisou os movimentos ao perceber a guinada do seu destino. Mais à frente, Botinas marchando. Ouviu um estampido. Como lança afiada, a bala saltava da cápsula, e certeira trafegava em seu objetivo. Aquele disparo tinha tanto sentido quanto os disparos que o coração do jovem estudante fazia.

Neste segundo diante da fera quente e avassaladora, via-se ele no limbo das diversas linguagens daquele objeto. Rizoma em plena praça de guerra. Energicamente, engatilhava os cartazes como possibilidades cambiantes e divergentes: Geração - queremos escola! Mensaleiros na prisão. Queremos escolas e hospitais no padrão FIFA. Sexo e amor, sacanagem é R$2,95 na passagem. Homofobia é crime: queremos Felizduano preso.

Cargas de perguntas no peito em forma de algodão e poliéster: Seria uma luta coletiva? Estaria, eu, convicto dos motivos de militância junto a essas pessoas? Será que ficar em casa, estudando Ginzburg e seus “mitos, emblemas e sinais”, como o exigido e aconselhado por mainha, não teria sido melhor? Com certeza era mais confortável.

Estava ali diante de um paradigma e tinha que interpretar aquelas pequenas pistas deixadas na sua vida até então. Toda a sua trajetória escolar e de militância era confusa, seguia rompantes de classe operária com métodos de classe burguesa. Nada disso favorecia à dialética que era sua vida real: preto, filho de trabalhadora doméstica, seu pai era apenas uma foto amarelada no fundo do álbum de retratos e sua dinâmica diária era fazer “bicos” para as gráficas soteropolitanas sem projeção de carreira ou futuro profissional. O fim disso era “almoço do dia” e transporte da semana para o itinerário casa-faculdade-trabalho-casa.

A vida sempre prega peças ardilosas nos caminhos mais cambiantes de seus escolhidos. Mas isso tudo não desenganava o sucesso que aquele rapaz negro se propunha a cumprir. Havia de vencer na vida e levar outros amigos consigo. Se não era promessa, passava a ser uma dívida.

Mas agora estava Abayneh ali, diante da sua oportunidade ou anulação dos sonhos, seus segundos se esgotavam e não queria pensar mais na “pátria amada”. Não queria viver na ilusão que conhecia de tudo, quando, na verdade, cada dia era um ato de conhecer. Construir e reconstruir os passos dados. Compreendia, neste instante, que sobrevivia no mundo diferentes de seus amigos de chope nos fins de semana no Alto do Itaigara.

Era tudo muito diferente. Sentia, enfim, o ponto final da bala. Aquele corpo que antes brilhava como lua cheia em noite escura, tombava no asfalto fervente e fétido. Resolveu desviar o olhar com o flash do ato, mas recuperou a força das pernas e correu na direção de Rita... a blusa branca pacificadora foi tingida com o vermelho vibrante da pureza de seu seio firme e cheiroso.

Abayneh lembrou da noite anterior: cartolinas coloridas, pinceis atômicos nas mãos, poesias ao vento, movimento negro inteiro e programando a organização espacial da manifestação. Rita separou-se das amigas por um momento após receber seu bilhete: desejo sua carapinha encrespada nas minhas tranças dreadlooks. Rita abraçou o namorado e deu seu beijo vívido como sempre o fazia nesses oito meses de namoro e militância contra o racismo que limitava seus passos de cidadãos nessa diáspora africana. Rita agora era a certeza de um sonho bom. Na frente da batalha, enfrentando as botinas pretas estavam apenas os braços e pernas pretos que sempre foram mirados e marcados com as balas amargas que hoje levavam Rita para o orum.

Abayneh passou a ver Rita nos seus pensamentos como um índice semiótico no traço de sua contínua batalha dos seus e pelos seus escolhidos há séculos por outrem para serem eliminados do jogo da vida. A manifestação parou por secos instantes para recolher o corpo de um homem negro alvejado por alguém que a mídia não sabia responder quem. Após sua saída quase muda, as vozes de protesto seguiam tão longe que a vida pareceu normal ao longo das avenidas apertadas soteropolitanas.

SEUS POROS

suas mãos são ilhas de carne
afagam o espelho de guelras

uma saúva se move por dentro
do seu suor nessa manhã mineral

onde os baobás mastigam
o vento com veias erguidas

à beira do rio prateado de sol
sua boca faz um parto de canção

ora yê yê ô
odoyá odoyá

as roupas batem nas
cicatrizes das pedras

o sol atravessa
seus poros

gira no chão
luz e sombras

NA CARNE DO NOME

tudo que é
existe
na carne do nome

sopro feito de fim
no fluxo do começo

NOITE DA CARNE

falam tuas sombras
vestígios e passagens

falam tuas larvas
salivas sêmens
musgos e diálogos

na floração do conflito
na senda e noite da carne

acendes tua fala

PÁSSARO NA GENGIVA DO CÉU

miçangas
balbuciam

a mão
descasca
o fruto

o riso
poreja
escorre

o corpo
dança

-aceso-

um pássaro
na gengiva
do céu

Carlos Orfeu
Nasceu e habita em Queimados, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Lançou Nervura e Invisíveis cotidianos (Editora Patuá) e Ramagem pulmonar (Editora Primata).

ÊXTASE

Em seu sorriso,
preta,
alegria leve,
prenúncio de aconchego,
nosso amor
incompreendido
lá fora,
celebrado
cá dentro.

Ora fogo e trovoada,
ora água e terra,
sempre nós
duas
à frente,
de frente,
em frente.

Catita
É 'Escrivinhadora', professora, pesquisadora... Prosa e poesia me germinam entrelaçadas. Escrevo porque me dói, escrevo porque me sereniza. Minha escrita preta está no blog www.letrascatitas.blogspot.com, em diversas antologias (Mulherio das Letras; Cadernos Negros; Elas e as Letras, dentre outras) e nos livros solo Morada, Editora Feminas, 2019 (poemas) e Notícias da Incerteza, Desconcertos Editora, 2021 (crônicas). Idealizei e mantenho o evento virtual anual 'À mesa negra', o banquete literário novembrino. Sou cofundadora do coletivo de escritoras negras Flores de Baobá".

SABERES ANCESTRAIS

Cozinhar com a bisa
Ouvir com a vó
Arrumar com a tia
Benzer com a tiavó
Reais e desejadas.

Pensar na mãe
Lembrar da mãe
Dormir com a mãe
Abraçar a mãe
Só em foto na sala.

Brincar com a irmã
Cuidar da irmã
Discutir com a irmã
Reatar com a irmã
Complexidade aceita.

Estudar com a prima
Segredar com a amiga
Rir com a vizinha
Amar a mulher que passa

Presenças diárias.
Todas se fazem uma
Em mim
Múltipla
Esparsa nas vindouras.

DIA PRIMEIRO

Mais um mês do ano começa
o sexto já
Caminho para a metade do ano
de um ano completamente ensandecido.

E mais uma vez
me faço promessas,
me engajo em planos, programas, projetos...
tentativas de ler regularmente,
fazer atividade física regularmente,
me alimentar direito,
dormir direito...
na esperança disso amenizar,
dissipar as dores,
fortalecer a caminhada.

Se eu vou conseguir?

Pode ser mais uma vez não.
Pode ser parcialmente sim.
Pode ser totalmente sim.

O que importa, na verdade?
Quando lá fora estão morrendo tantos dos meus?

O que importa é a minha esperança
em de algum jeito contribuir,
de algum jeito não deixar essa
memória
deles, delas, de todas, de todos
ir embora.
É nos fazer visíveis
Nos fazer presentes, ainda que o corpo não mais
esteja
mas as ideias, os sentimentos.

Esse texto era mais um texto
que nasceu querendo ser humorado
e acaba assim.

Amanhã eu acordo e sigo.
Confio que eu acordo.
Certamente eu sigo.

Cidinha da Silva (MG)
É escritora. Publicou 19 livros, entre eles Um Exu em Nova York (Prêmio Biblioteca Nacional, 2019 e PNLD Literário 2021) e Os nove pentes d'África (PNLD Literário 2020). É curadora do programa-web Almanaque Exuzilhar (YouTube) e conselheira da Casa Sueli Carneiro.

THRILLER

Depois dos primeiros duzentos metros, vencidos como um velocista, Onirê encontrou uma senhora e pediu ajuda. Ela olhou para a camisa ensanguentada, abraçou a bolsa e apertou o passo. Será que ninguém tinha ouvido os tiros, a gritaria? Sinal fechado, carros parados. Os motoristas o observavam e desviavam o olhar, os surpresos, os fatalistas, os indiferentes.

As mulheres fechavam o vidro, as crianças no banco de trás perguntavam o que era aquele homem cheio de sangue. Teve mãe que mandou criança calar a boca, sob pena de ser atacada por Onirê. Um jovem branco que ouvia um modão no último volume abaixou o vidro. Onirê apressou-se até o carro, começou a contar o que tinha acontecido. O sinal abriu, o motorista buzinou e arrancou, não sem antes gritar: tá assistindo muito videogame, moleque. Uma vontade de chorar, de desistir. O temor de encontrar algum policial que o enquadrasse e não acreditasse na sua história deixava um bolo no estômago e a garganta seca. Água, queria água. Sem documentos, sem dinheiro, ensanguentado. Vestia o uniforme da escola municipal, é verdade, mas e aquele menino alvejado pela polícia na favela do Rio que antes de morrer perguntou à mãe: por que o policial atirou em mim, mãe? Ele não viu que eu tava com o uniforme da escola? De todo modo, Onirê precisava de ajuda, tinha medo de não sobreviver sozinho. O desprezo doía na ferida, no osso, mas precisava insistir, buscar ajuda. Movimentou-se até um motorista de táxi que lhe deu atenção enquanto palitava os dentes, ouviu sua história e disfarçou a descrença: sinto muito, mas meu carro é alugado, não posso sujar o banco. Boa sorte aí, rapaz. Pediu auxílio a outro homem, uma senhora, uma moça. Todo mundo tinha medo, ninguém queria se envolver. O desespero de encontrar um carro da polícia ou um policial aumentava sua angústia. Não tinha mais sangue a perder. Uma sucessão de vultos exangues o comprimia na ilha da memória. Agora o ombro latejava e ardia, era o que o deixava alerta. Decidiu então correr de novo pela vida. Lembrou-se de haver um hospital próximo, mas não estava certo sobre a direção a tomar. Pediu informação a um adolescente, parecido com seu irmão mais novo. Por sorte, o menino sabia. Mesmo muito assustado, temendo que algum perseguidor de Onirê se voltasse contra ele também, o menino Barazinho valeu-se do mantra da sobrevivência ensinado pelos pais em casa, nós por nós, e deu informações sobre a rota para o hospital. Onirê juntou todas as forças e vontade de viver e correu. Correu como um maratonista na reta final. A uma quadra do hospital, ameaçou desfalecer e implorou a um pipoqueiro: eu não sou bandido, me ajuda, senhor, por favor. O homem se levantou confuso e nem desligou o gás do fogareiro. Amparou o menino que podia ser seu neto e de imediato o avental branco ficou vermelho. A panela de pipocas transbordou e as flores do velho cobriram o chão. O que fizeram com você, meu filho? Tem atirador na escola municipal, eu estudo lá. Dois meninos invadiram o colégio com metralhadoras e machadinhas. Trancaram o portão, deram tiro pra todo lado e jogaram as machadinhas na gente que tentava fugir. Uma delas é essa que tá no seu ombro, meu filho? Sim, senhor. Eu pedi ajuda pra várias pessoas, mas ninguém quis me ajudar. O vendedor de pipocas não segurou o choro, mas manteve-se firme amparando o jovem guerreiro a caminho da portaria do hospital. Lá preencheu a ficha, assegurou que Onirê era conhecido dele. Valendo-se da amizade que gozava com os funcionários da enfermagem, logrou atendimento rápido. Não largou da mão do menino na maca até que a mãe chegasse. Um homão daqueles, dezesseis anos, forte como um touro, correu cinco quilômetros com uma machadinha enterrada na clavícula. Sabia pelos comentários das atendentes que, três semanas antes, um menino negro, forte, parecido com Onirê, dera entrada no hospital, resfriado. Como o caso era simples, a mãe o deixara lá na seção de triagem e foi resolver aflições do desemprego. Quando voltou recebeu o corpo do filho. Nenhuma explicação. Morreu. Alguém da família, enquanto mudava a roupa do morto, notou que as carnes das costas estavam flácidas, pareciam engolidas pelo vão dos ossos. Percebeu também corte e linha dupla costurando o peito, a barriga, dois lugares nas costas. Abriram para ver. Tinha estopa no lugar do coração. Nas costas, um imenso oco. O pipoqueiro não deixaria que a história de Onirê tivesse o mesmo desfecho.

**Thriller* foi publicado no livro *Oh, margem! Reinventa os rios!* (Cidinha da Silva, Oficina Raquel, 2020).

CAVALOS

cavalo alado não se olha os dentes
se fareja o rasto
cê também sente o cheiro dos cascos
se desprendendo de uma flamboyant?
tem pé de romã também no quintal.
sempre que penso no seu contrário
não penso em amor, penso em poncã,
alguma espécie de palavra
ou fruta semelhante

dislexias e outras neologias
me interessam como fossem
política anticolonial da língua.

e todo idioma inventado me habita
como eu vestisse as crinas de
uma existência indomável.

Daisy Serena (São Paulo, 1988).
É artista visual e escritora com estudos em Sociologia e Política na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Autora de Tautologias (poesia, Padê Editorial, 2016). Tem poemas publicados em revistas digitais como Escamandro e Chão da Feira. Como artista visual teve sua estreia solo com a exposição: Tecituras de Tempo & Identidade (Mostra de Criadoras em Moda: Mulheres Afro-latinas, no Sesc Interlagos, 2016). Também participou das exposições coletivas FotoPreta (2018 e 2020) com curadoria do coletivo Afrotometria. Tem obras de diferentes linguagens visuais publicadas em revistas digitais como Menelick 2º Ato, Garupa e Doek! (Namíbia).

meu coração é alma velha
galopando a favor
dos ventos

sabe pedir licença

meu coração arrebatado
nem percebe todo concreto
arrebentando meio à selva

tudo que ele vê são partes
membros, peles, organelas
embrenhados no mais
fundo matagal

ele acha bonita essa
dança

meu coração num faz
sístole-e-diástole
pa nenhum cativeiro

(nem para os que
eu invento)

é sussurro líquido
feito sol ascendido na boca
d'um peixe tucunaré

é dado às lições trazidas
no fluxo dos plexos

me ensinou num breve
desbatimento a permanecer
onde tem início a correnteza

TRÓPICOS

Para A.
que sabe que as diásporas
sempre dão jeito de se encontrar.

é primavera
no trópico,
(cê vem?)

eu invento uma balsa,
pedaço de signo sem
naufrágio, cavalo alado,
amanhã-pássaro

sankofa é também
gesto síntese
assoprando quente
a direção.

é que
toda diáspora
merece
um encontro.

e todo encontro
é um pouco
coração-oceano

saudade
entrecortada pelas
constelações
hemisferiais

de câncer ao
capricórnio
tropical

do norte ao mais
esquecido sur,

onde magia
é tecnologia
de folhagem
nos corpos bantus
onde nossas peles
já estão sendo
beijadas pelo verão

DENGO

I.

é sobre o que se inicia mas
há sempre nuvens e sombras nos ombros
        olhos de sono
        portas e janelas que se abrem
aquele momento grosso em camadas

lembranças
        vocais visuais
        táteis

(e o seu sorriso é toda canoa ancorada)

quem se banha num mar
                deve saber dos mistérios.

II.

estar em meio às estrelas
como se o céu abaixo dos pés
                estivesse
é ter este olhar na retina
onda maré baixa
pedras miúdas

        quem já sentiu conchas nos pés
        sabe o sentir sem estar
                a ver
o mar guardado
para além do sal
inscrito em presença
ali.

III.

teremos embaixo das unhas
areia úmida de não se plantar?
fiapos e feitiços

(que histórias novas são gatos ao sol)

esticam lambem os pelos
se deixam ficar.

IV.

Dizer
que águas têm memória
solução possível

        pois elas registram
        quando do último toque
        a cabeça pensa
        água registra

e agora
tomo banho contigo
regaço gostoso

- frieza -

dos dedos enrugados

(mas enquanto você não vem)

passo entre as plantas
invento rituais de escuta
me visto
me lambo
me bebo

somente as paredes me têm
água tem memória
e te esperam
aqui.

ao menino Miguel

até o lençol perder este cheiro
suor de criança
em colônia de mãe

(de algodão e poliéster)

feito abraço
o último
dia
na corrida antes do ônibus

(caiu um pássaro)

até a casa ser mais que parede
e os raros brinquedos
perderem
na sala velha
o antilugar
nada restará
a não ser

uma gota de lágrima presa
um parafuso
roscando
constante
entre
a
garganta
esôfago
estômago
intestino
e
se transforme

(pena cantar de dor)

num corpo voando
35 metros
e um menino ainda

(pássaro)

assim
de dedos
assim
de boca
e cabelo
preto

despencando um corpo

(um pássaro)

até os riscos da mão
construírem a presença
da textura
e unhas

(o céu pode olhar)

eu soluço
travo
e nunca a dor
será
estanque

(o voo).

A mulher é um animal que chora
e sua glória é ver o sol entrar pela janela
como se fosse o último
ela pega linha agulha areia e palavra
constrói uma concha e se aninha embaixo
nácares e um cheiro terroso vêm do quintal
no sangue que a visita
na comida preparada com intento
no sal dos olhos
a mulher é um animal que chora
do carbonato de cálcio que a envolve
às lembranças histórias e um sono de costume
urge uma mulher
uma flor um sol
as frutas no chão
na foto pela tela do celular
a mulher é um animal que chora.

Danuza Lima
É professora de língua portuguesa da Rede Pública de Ensino, especialista em literatura brasileira e mestra em teoria da literatura, desenvolve pesquisas no campo da poesia e de suas relações para além da palavra. Aquariana, sobrevive entre a docência e as alegrias das pessoas, da poesia e das formas de silêncios. Recentemente lançou os livros Mantra e Sobre a proteção da espada de Iansã, ambos editados pela Macabéa Edições.

TRECHO DE "QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA"

Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia.

Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna.

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela.

... Durante o dia, os jovens de 15 e 18 anos sentam na grama e falam de roubo. E já tentaram assaltar o empório do senhor Raymundo Guello. E um ficou carimbado com uma bala. O assalto teve início às 4 horas. Quando o dia clareou as crianças catava dinheiro na rua e no capinzal. Teve criança que catou vinte cruzeiros em moeda. E sorria exibindo o dinheiro. Mas o juiz foi severo. Castigou impiedosamente.

Fui no rio lavar as roupas e encontrei D. Mariana. Uma mulher agradável e decente. Tem 9 filhos e um lar modelo. Ela e o esposo tratam-se com educação. Visam apenas viver em paz. E criar filhos. Ela também ia lavar roupas. Ela disse-me que o Binidito da D. Geralda todos os dias ia prêso. Que a Rádio Patrulha cansou de vir buscá-lo. Arranjou serviço para ele na cadeia. Achei graça. Dei risada!... Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo.

Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar.

Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977)
Nasceu em Sacramento, cidade mineira. Mudou para São Paulo, residindo na Favela do Canindé, onde exercia a atividade de catadora de papéis. Seu livro mais famoso é o clássico, publicado em 1960, "Quarto de despejo: diário de uma favelada". A autora também possui duas obras póstumas, como Diário da Bitita (1982) e Meu estranho diário (1996).

UM LANCE DE BARCOS

Diásporas dispersas
sobre a página em branco

Um lance de dados
jamais abolirá

o banzo.

SONATA PARA URUCUNGO

Alguns,
negros e brancos
não riem das mesmas coisas.

Podem até ouvir a mesma música
Mas quase sempre, não escutam o mesmo
song.

Para alguns negros
um piano não é apenas um piano.

"Veja, isto é sonhar",
Duke Ellington, dixit, (
Aprendi c/ R.A)

é como se fosse um
órgão
do próprio corpo! – extensão
da mão.

Por consequência, sendo assim, dito isto,
desta forma:

Um sax ou um trompete – o próprio pulmão.

Pixinguinha encantou
toda sorte de peixes
com um ferro de Ogum.

Outro filho dileto, Coltrane
A guitarra de Hendrix era ligada
Numa simples tomada de luz.

Como explicar Billie Holiday singrando
os mares turbulentos das ondas sonoras?

Macumba

livre como uma abelha,
mais leve do que o próprio vento que a sustenta?

Fogo

negra angela
walking miles davis
Four hundred yEARs –
para dizer na sua lata
que o blues não nasceu na escravidão.

E o que dizer do samba urbano
mau elemento
nascido nos fundos
de uma casa
sem nenhuma "alta" cultura?

Eu chamarei de
Ciência
a todos estes oráculos?

Duan Kissonde (1993)
É poeta, estudante de história na UFRGS e pesquisador das territorialidades negras na cidade de Porto Alegre. Como poeta participou das antologias; Pretessência (2016), Antologia Literária Jovem Afro (2017), Cadernos Negros 41 (2018), Revista Ovo da Ema (2018), Coletânea Ancestralidades (2019) e do Dossiê: Poesia Hoje Negra (2021) realização do p_o_e_s_i_a_.org com curadoria do poeta Ricardo Aleixo. Água de Meninos, publicado pela Editora Taverna em 2020 é seu primeiro livro solo. Kissonde já realizou incursões por diversos campos da arte, tendo atuado em parceria com artistas como Charlene Bicalho, Cláudia Paim (in memoriam), Elida Tessler, Felipe Merker Castellani e Santiago Pooter. Também já escreveu sobre performance para o jornal Sul 21 e para a revista Contemporary And América Latina C&; América Latina.

UM POETA NEGRO

sou lido como um poeta
negro quando falo da mi
nha cor dos meus cabelos
dos meus ancestrais acum
ulo aos poucos leitoras e

leitores legistas que olham
para meu poema para des
cobrir a minha negritude
se falo de amor esquecem
que sou um poeta negro

sou um poeta que fala de
amor como se falar de am
or não coubesse a poetas
negras e negros mas não
basta apenas que eu fale

da minha cor eu preciso
falar sobre o sofrimento
e a superação eu preciso
atender uma pauta sobre
o que se espera de um po
eta negro um poeta negro
que não fala da sua dor
será um poeta menos neg
ro eu pergunto aos legistas
debruçados sobre o poema

um poeta negro bom aten
de à previsão e denuncia
o sangue dos pretos nas ca
lçadas sangue de preto na
calçada é mais procurado

que sangue de preto den
tro das suas próprias veias
sou um poeta irrefutáve
lmente negro quando faço
poemas de amor o amor

pulsa e percorre o sangue
não-derramado dos negros
pelas calçadas assim como
o que foi alvejado por mãos
que não permitem o amor

Fred Caju
É escritor, editor, artesão do livro e livreiro. está à frente da editora castanha mecânica, é curador da mopi – mostra de publicações independentes e juntamente com raíza hanna divide a curadoria do podcast de literatura, teoria e edição rasgo do tempo. também facilita oficinas de escrita, edição independente e artesania editorial presencialmente e online.

PROS MEUS INÍCIOS

Que meus inícios sejam repletos de sementes.
Nelas se iniciam minhas plantações.

Pra que, no momento certo, me alimente
E o verde me nutra dessa espera que é ver saúde crescer em frente à casa.

Verde que é vivo e demonstra minha entrega
Entrega meu envolvimento e
Não esconde minha vontade de matar a sede das minhas colheitas.

Okô.

Um processo de transfiguração. A fome morre na calada da boca. O alimento decepa a boca do estômago e vivo eu.

Que brotem de mim plantações de abóbora
e que, no fim, eu seja a alimentação
rendendo nos pratos das famílias grandes.

Que eu seja o feijão ocupando espaço no prato
Que alimentou o menino que eu fui
Pão com feijão nas noites.

Okô.

Também posso demonstrar jiló nos pratos. Um tanto amargo de causar afastamento. Mas por dentro, ter intenções que trazem boas intenções. Nutrição.

Que eu proporcione bons momentos nesses domingos de ver os amores como um jogo de alimentação. Onde muitos vão à mesa e depois se retiram. Onde outros roem os dentes até não sobrar nada.

Onde outros, poucos, comem sem utensílios no mesmo local. Até que todos se alimentem juntos e encerrem a conquista do momento que é se alimentar. Um dom.

MEREÇO ABRAÇOS

em tempos de saudade
eu pensava em cada parte
de contato
abraços e mãos dadas
e me imaginei dentro de um abraço.

imaginei que é possível
sentir o calor
e a eletricidade dos pulmões grudados, respirando juntos e síncronos.

fechei os olhos
sem ansiedade
pra que, dessa vez, eu seja parte de um abraço
e me permita ficar lá dentro
sem pressa
ansiedade ou afobação
sem olhares ao nada no momento em que o outro traduzir as emoções em mim por meio de um abraço.

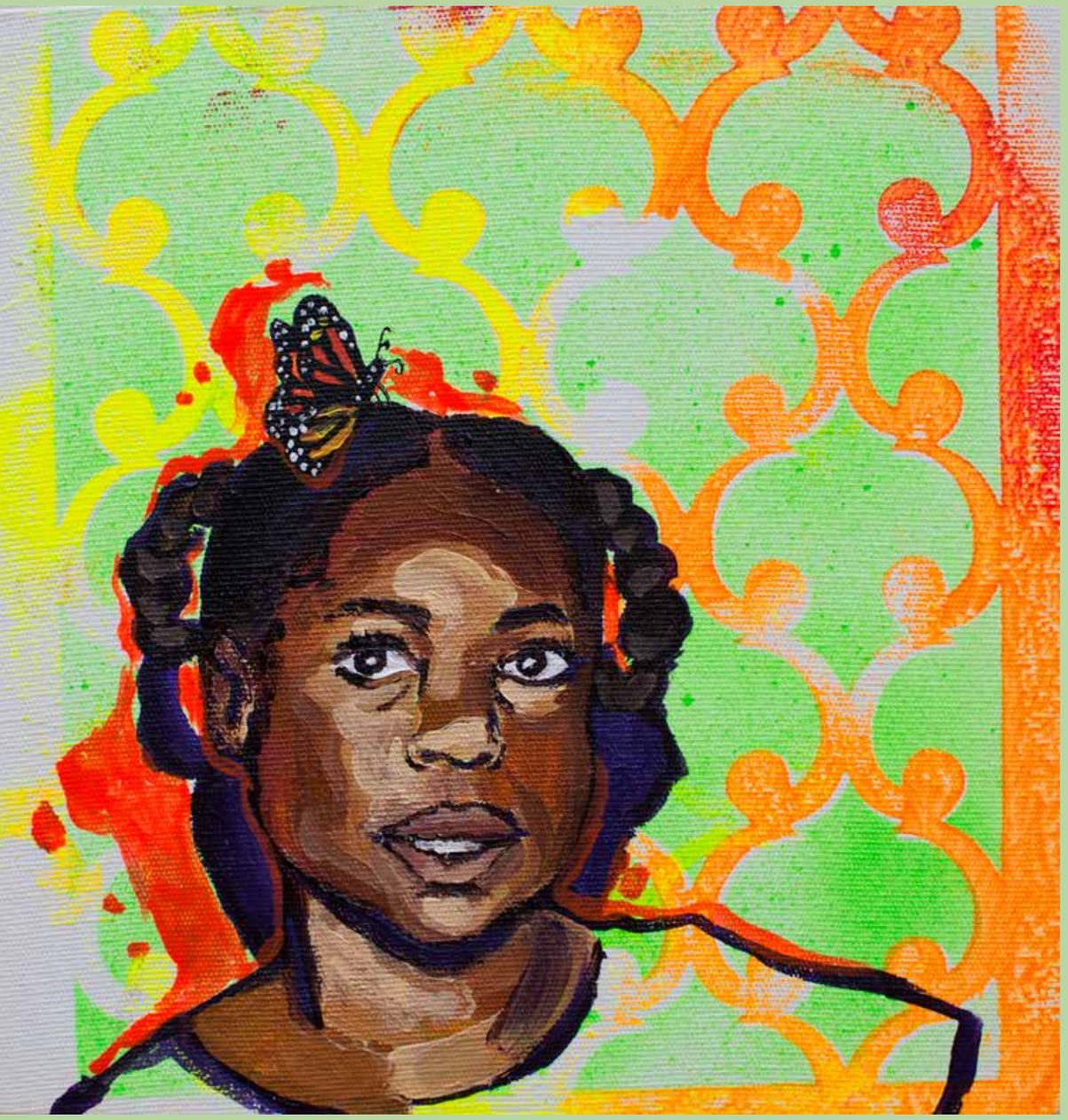
fechei os olhos
pois me notei um mar gigantesco

e percebi que os navegantes (que me aplaudiam na costa)
estavam como eu
desacostumados e sentiam assustados com tanto calor.

mas dessa vez
vou me permitir
mastigar os abraços
pois são pequenas aparições do futuro, em milímetros instantes.

pois se a gente se imagina lá
e na frente
provavelmente, se sente possuidor do dom de sonhar e projetar em longo prazo.

Gabriel Sanpêra
Tem 24 anos e nasceu na cidade de Barra Mansa, no interior do Rio de Janeiro, mas sua família adotiva vive em Volta Redonda, cidade onde foi criado. Escreve e performa literatura sobre si e outros, construindo narrativas para fugas, resgates e futuros. Estuda Relações Públicas e também se atreve a dançar quando o corpo fica molenga com a saudade de casa. Autor de 2 livros, sendo um pela editora Urutau, e totalmente escrito em seu celular por falta de computador. O segundo e atual se chama A Ossada de um Moleque, onde reflete a vida por dentro da ossada de um boi.



Dra. Helenice Joviano Roque de Faria.
Possui graduação em Letras pela Universidade Vale do Rio Doce (1998), graduação em Espanhol - Apostilamento pela Universidade Federal de Mato Grosso (2011), Mestrado em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2014), Doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (2019). É professora efetiva da educação básica na E. E Tiradentes de Sinop/MT, docente da Universidade do Estado de Mato Grosso (Campus de Sinop/MT) e colaboradora do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Letras (PPGLETRAS). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística e atua, principalmente, nos seguintes temas: Leitura, Letramentos, Formação Docente, Letramento Racial, Educação Linguístico-literária Antirracista. É administradora do canal palavrasEMmovimento no You tube.

Ma. Claudia Miranda S. Moura Franco
Possui graduação em Letras Pelas Universidade Estadual de Goiás (2007), Mestrado em Literatura pela Universidade Estadual de Mato Grosso (2021). É pesquisadora e atua como Presidente do Coletivo Negras Mato-grossenses. É uma das ministrantes do curso de extensão CREDITA UNEMAT: Trajetórias Escolares e Acesso ao Ensino Superior. Integrante do Grupo de Pesquisa Outrora Agora: A Metaficção Historiográfica na Literatura Brasileira Contemporânea. Integrante do Grupo de Estudos e pesquisas em Literatura (GECOLIT): Grupo de Estudos Comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas.

(RE)EXISTÊNCIAS NA/PARA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM MATO GROSSO

O século XXI exige que histórias sejam reescritas. E não são poucas, pois as narrativas contadas carecem de uma nova lente, de outras perspectivas decoloniais que questionem e tencionem o que, há muito tempo, apresenta-se normatizado.

Há tempos, temos empreendido maneiras de (re)pensar o significado sobre o que é "ser negro no Brasil". Em nossas *práxis* antirracistas, somos cercadas de muitas inquietações e, diariamente, somos induzidas a perguntas, tais como: De que maneira a literatura negra alcança seu devido espaço nas escolas mato-grossenses? O ensino de língua(gem) utiliza-se de literaturas que represente os povos negros?

Observamos, pela voz da branquitude, um tremendo retrocesso na discussão acerca das posições antirracistas no país. Por isso, empenhar-se pela reescrita da história literária sob outras perspectivas nos leva a enxergar que a escrita de/sobre negros e seus descendentes revela uma potência geradora de outro olhar e de outros sujeitos.

Sem dúvida, os estudos que consideram os aspectos culturais de nossa produção literária ainda são recentes. A cultura como elemento de pesquisa subsidia a crítica literária em que "miscigenados", neste caso, o negro e o indígena, formam simbolicamente "os de baixo" em um sistema de significações embrenhados na marginalidade.

Entretanto, salientamos, consoante Santos e Wielewicki (2009, p. 336), que a presença dos negros na literatura brasileira, ainda indica apenas a tentativa de traçar a cronologia da escrita e, muitas vezes, resume-se à identificação das representações nos textos considerados oficiais ou em obras canônicas de autores nacionais.

Para as autoras de *Literatura de Autoria de Minorias Étnicas e Sexuais*,

> A representação do negro na literatura desde seu início foi apagada. É como se os negros, forçados a cruzar os mares como escravos, tivessem deixado na costa africana todos os seus sistemas, formas, elementos e práticas culturais religiosas (SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 343).

Não por acaso, lembramos da pensadora feminista Bell Hooks (2019) em sua obra "Olhares Negros" ao oferecer-nos o capítulo "Amando a negritude como resistência política". A autora aponta que devemos ser faróis a impulsionar o amor pela negritude e se posicionar, assumir-se, tornar-se sujeitos de sua história. Esse ato de resistência é "tão ameaçador, uma brecha tão grave no tecido da ordem social, que a punição é a morte" (HOOKS, 2019, p. 39).

Logo, entendemos a literatura tanto como representação das ações e das transformações humanas quanto uma ferramenta que pode engajar o leitor à criticidade, a ponto de romper com as ideias tradicionalistas e problematizar os temas sensíveis na sociedade. Por esse caminho, podemos acompanhar as mutações socais, compreender os movimentos das minorias não apenas como margem, mas como voz transperiférica.

É de Antonio Candido o conceito que considera a escrita literária como a "possibilidade de "dar voz", de mostrar em pé de igualdade os indivíduos de todas as classes e grupos, permitindo aos excluídos exprimirem o teor de sua humanidade, que de outro modo não poderia ser verificada (CANDIDO, 2004, p. 11).

Por conseguinte, cabe entender que a expressão referida lembra humanidade por parte da escrita literária no que tange à literatura de escrita negra. Isso somente representará efeito quando protagonizada por negros no sentido de "colocar em cena "a dor da cor" ou a "dor da raça", de acordo com Amador de Deus (2020, p. 42).

Para a referida teórica, o termo "raça" abrange um conjunto de relações sociais, nas

quais reconhece-se a necessidade de distinguir que "as dinâmicas raciais têm suas próprias histórias e são relativamente autônomas, e envolvem classe, gênero, realidades coloniais e pós-coloniais (AMADOR DE DEUS, 2020, p 59).

Desconstruir imagens e discursos tão enraizados entre nós, significa trazer à arena dos debates literários os textos de experiência, cunhados na expressão de Conceição Evaristo: "o vivido e o escrito".

Assim, afirmamos que o negro, ao registrar suas histórias, vivencia o premeditado ato de traçar uma "escrevivência" (EVARISTO, 2011). Sem manipulações, a experiência do autor negro traz, nas reflexões, as histórias vividas, as oralidades, enquanto linguagem do corpo e da experimentação.

Os negros vistos não mais como objeto e, sim, como sujeitos de suas ações. Contribuições edificadas *per si*, de representatividade, nas condições produzidas e representadas a partir da expressão de realidades concretas.

E se considerarmos que vivemos em uma sociedade em que o racismo está escancarado, mas as discussões limitadas, a resposta eficiente é impulsionar a materialização das produções literárias de autoria negra.

O espaço literário, enquanto libertário, permite a (re)existência do corpo e a voz negra e desconstrói a ideia de que cabe ao negro os tradicionalismos e as simbologias de ideais colonizadores. Esse espaço (re)cria a imagem do negro e, por consequência, exclui posicionamentos que não cabem mais neste século: a colonização do corpo negro.

A literatura negra se exprime, então, por meio de articulações sensíveis nas quais a condição essencial é a existência de um ser antes não existente, que se vale do intelecto e da própria essência ao promover e produzir arte.

Pensar a Literatura como prática antirracista é preciso. Porém, é fundamental compreender que no vazio teórico podemos construir um caminho viável de desconstrução de estereótipos e consolidação da negritude, firmada no tripé linguagem/memória/social, opondo-se ao lugar da margem e assumindo o centro de suas histórias, uma questão de protagonismo.

Só assim, reconheceremos as conexões que nos ligam para além dos navios negreiros, à tradição de um povo culturalmente rico e diversificado na/pela linguagem e assim (re) construiremos espaços centrais e não periféricos à literatura negra.

REFERÊNCIAS

AMADOR DE DEUS, Zélia. Ananse Tecendo Teias na Diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse. Belém: Secult/ PA, 2019.

AMADOR DE DEUS, Zélia. Caminhos trilhados na luta antirracista. 1° ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

EVARISTO, Conceição. 1946- Becos da memória [livro eletrônico] / Conceição Evaristo. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

SANTOS, Célia Regina & WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

todas as palavras
já ditas perderam
o fôlego
não há jornada
adiante
não há

este lamento
não instaura uma prece
pois toda palavra apartou-se
do fogo

toda palavra
quando dita
não é capaz de exercer
qualquer ato de lucidez

todas as palavras
estão destinadas
a um terrível silêncio
a um terrível engano
ao tormento

qualquer gesto lúcido
será um passo mais próximo
ao precipício

não há em meu silêncio
nenhum alcance para Deus

*

se há neste silêncio
certa precariedade
há no rumor de minha
repetição uma prece
não realizada

tudo que vier à tona
será indício deste rompimento

*

quero um poema
que seja capaz
de anular a tragédia
de minha alma

uma aposta perdida
entre gritos e outros
disparates

quero a síntese
de uma epígrafe
oferecida a uma
obra póstuma

quero um poema
parecido com as
palavras de um amante
destituído de seu amado

quero um poema
batizado pela solidão
de alguma busca

este fracasso
recém criado

*

a dor começa quando a palavra
não é capaz de traduzir nada que
consiga conversar.
observo o tempo. silencioso e
inteiro. qual será seu receio? sob
qual forma ele se desvelará?
a dor é opaca. tenaz. intranquila.
as palavras que sobram são suficientes
para o peito conduzir?
as palavras dissidentes conseguem
ao óbvio iludir?
não busco respostas. quero
o trajeto. quero a dor. outra dor.
as palavras se espalham
realinhando o silêncio e sua
sombra. eu quero a dor.

Joe Sales
É poeta, contista, professor de Língua Portuguesa e mestre em Estudos de Linguagem. Publicou cinco livros de poemas pela Editora Penalux: Porta Estreita (2014), Ao passo das horas e outros descabimentos (2015), Criticepopular (2015), Largo do Amanhecer (2017), Pelas luas, a mesma encruza (2019) e Clandestinamente (2021) pela editora Carlini & Caniato.

Cruz e Sousa (1861 – 1898).
Nasceu em Florianópolis (SC) e foi detentor de um impressionante repertório de conhecimento multidisciplinar. Escritor, foi proprietário de importantes jornais, como o literário Colombo, em parceria com os escritores Virgílio Várzea e Santos Lostada, e o abolicionista Tribuna Popular. Estreou na literatura em 1885, com o livro Tropas e fantasias, com coautoria de Virgílio Várzea. Com Broquéis (1893), abandona o Parnasianismo e introduz o Simbolismo no Brasil. Outras obras importantes de Cruz e Sousa são Missal (1893) e Evocações (1898).

ACROBATA DA DOR

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
como um palhaço, que desengonçado,
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta.
Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
agita os guizos, e convulsionado
salta, gavroche, salta clown, varado
pelo estertor dessa agonia lenta ...

Pedem-se bis e um bis não se despreza!
Vamos! retesa os músculos, retesa
nessas macabras piruetas d'aço. . .

E embora caias sobre o chão, fremente,
afogado em teu sangue estuoso e quente,
ri! Coração, tristíssimo palhaço.

Karine Bassi
É escritora mineira, publicou as obras Afrogênese; Livro de História; Entulho de Rosas – no gênero poesia; Sob o Caminho uma Rajada de Ventos – Romance; e Reboco – Contos. É formada em ciências biológicas pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), atriz e dramaturga na companhia de teatro marginal periférico "5só", produtora cultural na A|Borda e Coletivoz, além de idealizadora e coordenadora na Editora popular Venas Abiertas. É também, a idealizadora do primeiro Prêmio Maria Firmina de Literatura, voltado apenas para autores negros nascidos e residentes no Brasil

HERANÇA

a palavra afiada nasceu com a avó da minha avó
era uma noite de chuva e pedras
de pedras no caminho
sem a poética do Drummond

era uma noite de surra
e pedras
no cachimbo
era uma noite de unhas e peles
e peles cortadas pela navalha
da palavra afiada da avó da minha avó.

que não se calava,
- não vou!
que não calava
- não vou!
que não se calava
- não!
que não se calava
- não!
que não se calava

a palavra afiada
que ardia todas as noites
quando o suor
descia
na senzala escura

o corpo escuro
a negreza no corpo magro
a beleza do corpo negro
que mesmo açoitado pelo corpo branco
endurecido trazia conselhos
de não se calar!

o cheiro do corpo cheio
de marcas o corpo
em traças
o cheiro do copo cheio
de água
ardente é cachaça
pra aguentar
o cheiro do couro
o cheiro do couro queimando o couro
o coro
não vou!

a palavra afiada
não vou!

herdei da avó da minha avó
a navalha na carne

não vou!
me entregar.

MORA UMA VELHA RANZINZA EM MEU ESTÔMAGO

Para ela, nada presta. Não pode com gordura, nem álcool. Não suporta nicotina, acidez, cafeína ou açúcar. É uma velha protestante, que recita salmos e canta hinos com voz esganiçada de manhã, quando ainda estou em jejum. Esmurra minhas paredes pela hora do almoço e sapateia sobre meu assoalho quando penso em jantar.

Lilia Guerra
É paulistana, autora da coletânea de contos Perifobia, livro finalista do Prêmio Rio em 2019 e do romance Rua do Larguinho.

Hoje, acordei disposta a escrever qualquer coisa agradável, acolhedora. Mas, tudo se descoordena. Os dias frios são tiranos. Esbocei uma frase fraca e abandonei o computador aberto sobre a mesa. Fui ao quintal e examinei as plantas. Encontrei um galho morto no vaso de alfazema. O arranquei com urgência. É incômodo ver um cadáver no meio dos vivos. Joguei a carcaça no balde de lixo.

Voltei para a cozinha e botei feijão de molho. Vontade de comer pão e mortadela. Mas, pensei no frio. E na velha. Não vou à vendinha. Há duas laranjas na fruteira. Escolhi a menos murcha. Busquei uma faca amolada na gaveta. Pra descascar laranja murcha a faca tem que ser bem afiada. Pensei no Cipriano, meu vizinho. Quando bebe, despreza a pobre da Judite. A ofende na frente de todos. Diz que ela não arranja outro valente pra encarar aquela barriga murcha de oito filhos. E que devia beijar os pés dele. A Judite se retrai. Ri com cuidado porque, lhe faltam dentes. Eu já notei que, muita gente ri, quando qualquer coisa as magoa. Pra fazer de conta que a ofensa caiu como brincadeira.

Outra vez, me coloquei diante da tela, buscando inspiração. Preciso de samba, penso. Mas, a velha me lembra de que, ainda é cedo.

É cedo pra bater cinza também! E pra tomar vinho.

É tarde pra despejar tudo o que está me angustiando. Eu tenho certeza de que as palavras rançosas estão me fazendo mal. Que elas estão se deteriorando dentro de mim. Meu corpo lida para expulsá-las. Voltei anos atrás. Aula de fisiologia. Visitou-me a voz cansada do professor:

"O corpo é inteligente. Tenta se livrar daquilo que representa perigo. Por isso, podem ocorrer episódios de vômito, precedendo o infarto. Entendam como um sinal de alerta. O cérebro percebe que algo está errado e, aciona comandos para que os órgãos trabalhem, na tentativa de eliminar possíveis agentes inimigos".

As palavras contidas devem estar mesmo inflamando os meus órgãos. Causando infecções. Minha mente quer expulsá-las, mas, eu não ajudo. Perco tempo cismando. Ao invés de fazer como Rubem Braga, que idealizou escrever uma história tão engraçada, que fizesse rir a moça da casa cinzenta. Quando ela lesse sua história no jornal riria tanto, que chegaria a chorar e diria – "ai meu Deus, que história mais engraçada!" E então a contaria para a cozinheira e telefonaria para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse ririam muito e ficariam alegremente espantados de vê-la também tão alegre. Ah! Uma história que fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, na vida da moça reclusa (que não sai de casa), enlutada (profundamente triste), doente. Ela mesma ficaria admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetiria para si própria – "mas essa história é mesmo muito engraçada"!

Eu queria imitar o cronista. Mas torro o casco pensando que muita gente já está na rua, a caminho do trabalho, enfrentando este frio miserável. A velha que mora em meu estômago, apregoa:

Estão sendo pagas pra isso, deixe de bobagens, menina tonta! As pessoas devem dar graças a Deus, pela oportunidade de se levantarem da cama e cruzarem a cidade. Por caminharem congeladas até o ponto de ônibus, ainda de madrugada, no escuro, mesmo correndo perigo de assalto e assassinato. Você queria o quê? Que ficassem dormindo até as tantas? A comida não brota no prato quando a fome nasce no ventre. Menina idiota! O povo reclama de barriga cheia. Inventam bobagens de direitos disso e daquilo, apontam injustiças em tudo. Cada um deve evitar o mal como pode. Se as mulheres se portassem com alguma compostura, não provocariam ímpetos nos estupradores.

O que é que tem demais se apinharem num coletivo lotado, sem conforto algum? Coisa da vida. Essa gente preguiçosa faz corpo mole. Reclamam dos baixos salários, das condições

precárias e não abençoam seus patrões. Ruim com eles? Pior sem eles! Se esquecem de que precisam de seus empregos. Ingratidão é pecado!

Me debruço outra vez, sobre o teclado. Digito duas ou três palavras curtas, mas… e o povo que dorme ao relento? Terá morrido muita gente essa noite?

A velha tem resposta pra tudo:

A gente colhe o que planta, menina besta! Se essa gente está na rua é porque não faz por merecer. Enchem a cara e usam drogas porque querem. Se reproduzem feito cachorro. Veja lá se, essa mulherada vagabunda tem disposição pra lavar uma privada, limpar umas vidraças. Pergunte àquele vadio que mendiga no farol se ele quer descarregar um caminhão de cimento, carpir um terreno. Mais fácil pedir esmola. Espie se, no fim do dia, quando conta as moedas, vai para o mercado comprar comida. Que nada! Vai é encher o rabo de pinga, isso sim. Menina tonta! Você deu dinheiro praquela rampeira comprar cigarro.

Quando a velha gargalha, sinto náuseas.

E penso que, deve haver uma história muito longa, que esclareça como aquele homem da avenida se tornou andarilho.

Eu penso baixo, enquanto a velha cochila, resmungando de vez em quando que, a laranja que chupei lhe foi indigesta.

Quero evitar as opiniões dela.

A desmiolada da Judite? Botou oito filhos no mundo. Não larga o nojento do Cipriano por quê?

Diabo de velha. Até cochilando palpita em meus pensamentos.

Pus o feijão no fogo. Panela chiando. Lavar arroz. Daqui a pouco é meio-dia. Planejo comer um ovo frito. Pra me vingar da velha boquirrota. Tomara passe a tarde se contorcendo. Eu não me importo. A gente não colhe o que planta? Não é bem assim… tem vezes em que, a gente planta, fica aguardando o fruto e nada. Esperei pitanga a estação todinha. Reguei a árvore. Joguei adubo. Nada.

Cascando alho. Dona Benedita, madrinha de minha prima, falava desse jeito. Saudade de quando a gente ia ao centro, no sábado à tarde. Dona Benedita preparava a comida do santo com zelo. Deixava as crianças experimentarem. Era quase sempre farofa e um tutu com gosto de outro mundo. Nunca que provei nada parecido.

Na prateleira tem uma lata de leite condensado. Eu bem que podia fazer um pudim. Usando o forno, a cozinha fica quentinha. Será que aquela menina que fica com o rodinho e o pano no farol gosta de pudim? Será que ela gosta de comer o quê? As pessoas que fazem caridade servem sopa e eu acho bonito. Mas, tenho curiosidade de saber o que ela escolheria pra comer, se pudesse.

Eu preciso afugentar esses pensamentos que me impedem de escrever coisas agradáveis. Mas eles me perseguem. Será que tem o quê, dentro da morte? Só sono, só descanso? Será que, depois de morto, a gente não pensa em mais nada? Será?

Fui experimentar o sal e derramei um pouco de caldo na roupa. Me lembrei que, outro dia, numa sala de espera, folheei uma revista. A atriz passava dias numa ilha, comemorando o terceiro casamento. Nas fotos, exibia diferentes vestidos, chapéus, sandálias, lenços de pescoço. Terá plantado o quê, aquela mulher com rugas enrustidas? Para colher passeios de lancha sob o sol, degustar iguarias. Ter seus lençóis e toalhas trocados pelos serviçais… para passar pela vida sem saber o que é lavar a porra de um garfo?

A inveja envenenou Caim!

Gritou a velha. De dentro de mim.

ABEBÉ

É difícil de explicar, um misto de ansiedade, pânico e euforia tomava conta de mim a cada entrada de uma estudante naquela sala, a um passo de me tornar independente. Me lembro de ouvir os professores dizendo que quem dava por finalizado o ciclo não era eles, era quem estava naquela sala e nunca mencionaram o tal nome. E assim era há séculos para todos os Clãs.

Lu Ain-Zaila
É pedagoga. Escritora afrofuturista das obras Duologia Brasil 2408 - (In)Verdades e(R)Evolução (2016-2017), Sankofia (2018) e Ìségún (2019), contos em antologias e iniciado pesquisas relacionadas à educação e literatura. Se debruça sobre a importância de imaginar e concretizar afrofuturos e futuros positivos nas periferias e margens. Tem contos públicos e no contexto da lei 10.639/03, narrativas negras centradas nos valores filosóficos, culturais, históricos, mitológicos e humanísticos negros.

Então eu suspirei e também perdi a respiração, pois quem passava, se formava, abria a porta com um nível de exaustão estampado no rosto, mas também feliz, algumas vezes precisando ser carregada. E quem não passava saia por outra porta para receber acolhimento E não era uma questão de fracasso, insistiam os nossos orientadores. Era uma questão de tempo das coisas e isso só aumentava a minha ansiedade. Será que eu estava a um passo de me tornar uma ÉÈdìsta, uma encantada? Eu, que nasci num país da diáspora africana? Iria descobrir em breve, pois enfim meu nome, Anya, como do livro e do conto estava sendo chamado.

Senti meu corpo pesado, querendo fincar no chão e ao mesmo tempo seguir. Ouvi meu nome pela segunda vez e enfim respondi. Sim. E dei o primeiro passo, o segundo e ao todo foram sete passos até a porta.

— Há um Adinkrahene dourado, se posicione sobre ele quando estiver pronta.

E foi a única instrução que ouvi, antes de ser convidada e abrir a porta e entrar. Senti minhas mãos úmidas ao pegar com firmeza o trinco e girar. Agora era a minha vez de saber o que aquela porta escondia, que mundo me esperava, que teste eu faria. Tudo o que imaginara não me preparou para o que estava depois daquela porta.

Entrei e me surpreendi por não ver nada incomum, nada mesmo. Admito que perdi até o êxtase contido em minha imaginação: portais, testes mágicos, inúmeras coisas, mas nada ali confirmava a expressão de meus colegas, que testemunhei sair daquela sala, octogonal comum, como qualquer outra ali.

Logo percebi algo no centro da sala, o ideograma-símbolo Adinkrahene, três círculos pintados no chão e de cada lado hastes muitíssimo bem trabalhadas em pedra sustentado um abebé cada um, voltados um para o outro. Caminhei até o ponto indicado pela orientadora e entendi que deveria ficar entre os sagrados ornamentos com relevos de mar e um pequeno espelho em seu centro, porém não consegui me decidir para qual espelho ficaria de frente ou daria as costas. E não me disseram nada sobre movê-los. Foi quando percebi que estava diante de algum tipo de decisão a ser tomada.

— Hummm – foi tudo o que disse enquanto apoiava meu queixo entre minhas mãos espalmadas e imaginava o que fazer, passeando os olhos entre um e outro.

Precisava pensar em algo mais lógico do que abrir a porta e perguntar. Isso eu não faria de modo algum e então me ocorreu algo bem ridículo e obviamente simples. Eu poderia não ficar de costas para nenhum. — Se eu ficar em paralelo com ambos os abebé posso olhar para os dois e ver o que vai acontecer.

Decisão tomada, respiro fundo, vou até o símbolo no chão e me posiciono sobre e também ficando entre os dois abebé, um de cores azul mar e prata que saúdo. — Odoyá! É de Iemanjá. Já o outro de cores azul mar e dourado saúdo. — Ora Yêyê Ô! É de Oxum.

Estou confiante e... nada. Nada acontece por longos sei lá quantos minutos. Olho para o centro dos abebé, no pequeno espelho de ambos e não sei o que fazer. Tudo é silêncio exceto pelo vento fresco que sopra a cortina da sala. Me distrai por alguns instantes, nem tinha percebido a janela da varanda aberta, mas começo a imaginar que talvez eu não esteja preparada. Meu tempo de estar pode não ser hoje e saio do centro, de cima do símbolo.

— Será que eu deveria ter saído de cima do símbolo?

— Acho que não deveria ter saído.

Fico em dúvida, mas não me lembro de ter dito “Acho...”

Fico em dúvida, mas não me lembro de ter dito “Será que...”

Nos assustamos e damos um passo atrás.

Me assusto e dou um passo atrás.

Agora sim, o desafio está mostrando a que veio. Estou dividida, me parti em duas e nos encaramos com espanto antes de perceber que nosso, meu corpo ainda está sobre o símbolo Adinkra sem se mover.

— Do que se trata o desafio? Pode me dizer?

— E como eu vou saber? Me diz você...

Ai, que dor de cabeça, agora eu era duas confusas num desafio que eu ainda não entendia. Do que se tratava? Será que para cada um de nós o desafio se mostrava diferente? Estávamos, eu estava sem opções. Ela e eu também. E foi quando o vento soprou novamente as cortinas e desta vez pareceu estar perfumado, mas não era essência, flores. Era água, água livre tem cheiro de água livre e então o vento nos, me cercou e começou a girar ao redor de mim, nós e de repente éramos massa de água suspensa no ar. Ainda era eu, nós, mas em forma de água gotejando o chão.

Aquilo me assustou de verdade e ficamos, fiquei perplexa me apalpando e perguntando qual o significado. Nunca tinha visto em meus anos de Clã nenhuma das orientadoras assumir tal forma ou contar história com tal fato. Então nós, eu, nós continuamos sem saber o que deveríamos fazer. E ficamos nos encarando até uma terceira voz assumir o controle.

— Toooolas! – e tomamos um susto, minhas duas partes. Eu.

Agora, a voz vinha do meu corpo descruzando os braços e me, nos encarando.

— Não, não sou você, partida. Sou quem vai assistir de camarote – e logo após dizer isso, com um simples movimento de mãos, fez os abebés se voltarem para nós. E então nós, eu me vi no reflexo de ambos e foi quando nos sentimos, me senti sendo puxada para dentro dos abebé. Sumimos. Mas não é verdade.

Me vi flutuando, ora nuvem, ora chuva e então me senti cair, aquecida pela luz do sol. Não tive medo de voar por todas as direções e fazer sentido para a terra, as plantas e especialmente para as mulheres que vi, que toquei as faces em gotejos, sorrindo e chorando.

— Elas são o seu Clã, antes, durante e depois de você e com você e através de você – disse uma voz suave, vinda de todos os lados da chuva. Eu. Todas nós.

Era incrível o alcance que eu possuía naquela forma, ora me vi num pé de colina, chão quilombola, minha mãe. Noutra me vi em vielas, espiando janelas e ninando mulheres para um sonho que sonharíamos juntas. E então inúmeras vozes vieram delas e de mim em gotas, no ar. Nos ouvíamos desejando o melhor e impulsionando umas às outras.

A visão de mim espelhada nelas e delas espelhada em mim era o que abebé de Oxum e Yemanjá queria... nos, me mostrar, todas nós e eu ao mesmo tempo.

A colina foi ficando repleta de mulheres vindas de todos os cantos e lugares onde desci chuva e soprei sonhos. Uma conexão se fez entre nós. E ao parar a chuva, eu, de cair, veio o calor breve do sol e subi vapor para ser parte do ciclo da vida, ora eu, ora elas.

Quando dei por mim, eu estava na sala octogonal, inteira, sob o Adinkrahene novamente com uma sensação de leveza e ao mesmo tempo de onda do mar indo e vindo no corpo. Me senti tonta e entusiasmada. E mesmo sem olhar para os abebés, eu me via em ambos, não mais reflexo, mas eu e muitas outras antes, durante e depois de mim, ao meu redor e de mãos dadas a elas. Aquele era um reflexo totalmente novo.

Me lembro da porta se abrir e então vieram me segurar.

ser mulher é uma bênção
ser mulher é poder gerar & poder parir
ser mulher é ter buceta, dois seios, uma bunda grande

ser mulher é
ser loira, olhos claros, nunca descabelar-se
é ter sangue escorrendo entre as pernas & não deixar que percebam mesmo que

você corra
você nade
você dance

ser mulher é uma bênção
e desde a Bíblia é ser apedrejada queimada morta
uma contradição

eu descobri agora que
não sou mulher

estou viva
nunca queimada
nunca apedrejada

eu descobri agora que
não sou mulher

sou negra, sou apenas uma negra

e o sangue que vem do meu ventre
permito que seja rio
que volte pra terra e

corro
nado
danço

descabelo-me

eu descobri agora que
não sou mulher

eu tenho pinto
apenas um seio
quadril estreito

nunca pari

eu descobri agora que
não sou mulher

ser mulher é uma bênção.

Lubi Prates (1986, São Paulo / SP / Brasil)
É poeta, tradutora, editora e curadora de Literatura. Tem quatro livros publicados (coração na boca, 2012; triz, 2016; um corpo negro, 2018; até aqui, 2021). “um corpo negro” foi contemplado pelo PROAC com bolsa de criação e publicação de poesia e, além de ter sido finalista do 4º Prêmio Rio de Literatura e do 61º Prêmio Jabuti, também foi traduzido e publicado na Argentina, Colômbia, Croácia, Estados Unidos e França; as traduções para Espanha, França, Itália e Suíça estão no prelo. Tem diversas publicações em antologias e revistas nacionais e internacionais. Co-organizou os festivais literários para visibilidade de poetas, [eu sou poeta] (São Paulo, 2016) e Otro modo de ser (Barcelona, 2018) e também participou de outros festivais literários no Brasil, em outros países da América Latina e da Europa. É sócia-fundadora e editora da nosotros, editorial e da nossa editora e é editora da revista literária Parênteses. Traduziu Poesia Completa, da Maya Angelou, e Zami: uma biomitografia, da Audre Lorde. Dedica-se a ações que combatem a invisibilidade de negros e mulheres. Atualmente, é doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento Humano, na Universidade de São Paulo.

DO MEIO

Começou no verso, o outro lado era só folha miúda, veia-verde, não valia. O verso não, tinha esse pingo de sangue. E eu descabriado no meio do nada. No do-meio nem um som de gente, quase nenhum som de bicho. O som do meu ôrí.

A gente foi pro do-meio e na minha cabeça uma casa na cabana, arco e machado, zarabatana. Mas pra tudo que é lado o canto dos pássaros.

Precisei ficar tonto. Ao redor só mato, aí girei. Girei, girei mesmo; sem eixo. Até bater o pé num pedaço de tronco e mesmo assim aquele pedacinho marrom não era nada. Um verde só. E era disso que eu precisava. Sentir que os olhos são redondos.

Do nada ela me chamou, disse bora pro rio e eu bora, poucas ideias. Talvez por isso o desconfiar. Na noite da véspera lembrei de quando peguei um ônibus na mesma semana e ouvi a conversa de dois velhos. Aqui tem tudo, só não tem praia, disse um. Aí o outro: é, mas tem o rio do-meio, embaixo do cemitério; os cabra vão pra lá e esquece até Deus, quem vê alguém fazendo coisa passa direto. Pois lembrei disso, assim do nada, outra pulga atrás.

E quando pulga coça sempre cato sinal, chamo os guias. Pois nada. Só o despertador. Acordei mais um dia com os olhos vermelhos, três pingos de colírio e rua. Conversados básicos, o de sempre, e eu sem saber o que ela queria. O cangote dela suspenso no ar.

Por que do-meio? Procurei a ponta do rio e ele só brotava do chão. Depois da trilha um descampadozinho, umas folhas caídas: onde o pessoal fica. O do-meio é tipo a vida, como os preto-velho dizem: cê num tá no fim nem no começo, fio; tá no meio. A vida é o meio. O pingo de sangue no verso da folha... é da vida também, ou não é? Fui desarmando, uns mergulhos.

Do nada uma fumaça, da mesma cor do pingo de sangue. Mas a fumaça já tava lá e eu não percebi, ela tava era sendo sugada, como se tivesse uma máquina ali no meio do mato. Era um avançar voltando, tipo o do-meio. Defumador nenhum faz, eu entendo. Só virei o rosto pra ela, era só silêncio desde o começo da trilha, aquela cara de quem deve e eu queria que. Pois olhei e ela começou a cantar. Deixa a fumaça entrar, deixa a fumaça entrar na sala. Deixa a fumaça entrar, deixa a fumaça entrar na sala. E danou-se a girar.

Lucas Litrento
É escritor, realizador cinematográfico e produtor cultural, vive em Maceió/AL. Lançou os livros Os meninos iam pretos porque iam (Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2019), o zine de poesia ROBYN (1TXW, 2020) e TXOW (Edipucrs, 2020). Realizou o curta-metragem círculos (1TXW, 2020). Constrói os coletivos artísticos Loitxa Lab, Mirante Cineclube e Pernoite Literário.

Luciana Borges
É leitora e pesquisadora de literatura. Professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Catalão, cidade onde nasceu. Doutora em Letras pela Universidade Federal de Goiás, integrante do grupo Dialogus (CNPq), do GT ANPOLL - A mulher na literatura e do Coletivo Literário Mulherio das Letras. Sua principal produção é o livro O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina (Ed. Mulheres, 2013), tendo também organizado A mulher na escrita e no pensamento (Funape, 2013), O corpo na literatura e na arte (Depecac, 2013) e Letras Insubmissas (Mercado de Letras, 2020), dentre outros. Publica também artigos e capítulos de livro. De vez em quando, arrisca-se na escrita de poemas e contos.

IN/ESCREVER O CORPO: A POESIA ERÓTICA DE AUTORIA NEGRO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

"Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla."
Glória Anzaldúa (2000)

"Escrever poesia erótica é tatuar sobre as cicatrizes que o colonizador imprimiu sobre os corpos das mulheres negras" [1]: a afirmação feita pela escritora Cristiane Sobral, diz muito sobre os aspectos inerentes à escrita do erotismo por autoras negras na contemporaneidade. Pensar criticamente essa produção poética inclui, frequentemente, a necessidade de abordar a literatura a partir de aspectos estéticos associados a aspectos políticos, uma vez que a voz lírica que se estabelece nos poemas apresenta demandas específicas de expressão. Tal escrita aciona também elementos temáticos bastante marcados, especialmente em relação ao corpo negro e aos seus modos de representação e associação com a vida afetiva, amorosa e sexual.

A escrita da poesia por essas autoras também se relaciona a aspectos constitutivos da sociedade brasileira, na qual a existência de escritores e escritoras negras permaneceu inimaginável em alguns períodos da história do Brasil colonial, situação sendo alterada apenas recentemente. Tendo em vista esse aspecto, pode-se afirmar que escrever tensiona a relação entre o *ato de escrita* (habilidade intelectual e técnica) e a escrita como ato (tomada de um lugar de fala e expressão), estando a escrita literária no campo movediço entre rupturas e permanências.

Sobre a tomada da escrita, a pesquisadora Grada Kilomba afirma que, ao escrever, opera-se a mudança de posição de ser escrita (passivo) para ser aquela que escreve (ativo): "Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político" (KILOMBA, 2019, p. 27). Especialmente por ser uma tomada de consciência, vista como uma atividade perigosa e subversiva, a escrita é sequestrada das populações subalternas, como mecanismo de silenciamento e fragmentação identitária. Sobre esse sequestro de voz, é interessante notar que, em relação às representações de corpos negros na literatura brasileira colonial, um estudo como o de Affonso Romano de Sant'Anna no livro *O canibalismo amoroso* (1987), aponta a ausência de autonomia de expressão ao mostrar como autores brancos construíram personagens negras no período, principalmente as femininas, de forma estereotipada ou distorcida. Segundo o autor, na economia libidinal da colônia, predominam processos a um só tempo contrários e complementares, designados como *negrofilia, negrofagia e negrofobia,* nos quais desejo de propriedade, de degustação sexual e de aniquilação pelo temor se mesclam nas imagens retóricas e poéticas de representação das mulheres. Podemos acrescentar que o corpo escravizado se torna, nesse contexto, um corpo sem voz e sem escrita, é um "corpo-sem corpo", portanto, sem história e sem memória. É também um corpo sem direito à beleza e sem direito ao desejo, posto que submetido aos desejos e desmandos de outrem. A predominância desse imaginário e as dinâmicas sociais excludentes explicariam, inclusive, a entrada tardia no campo poético do erotismo. O corpo negro que se escreve subverte a ordem, resgata sua dimensão humana, sua pertença a uma coletividade, a sua pertença a si mesmo e a possível entrega ao outro, na parceria erótica.

Lélia Gonzalez (1984), no texto *Racismo e sexismo na sociedade brasileira*, menciona a dificuldade que estudiosos brancos expressam em considerar as possibilidades afetivas no contexto colonial da escravidão, uma vez que seriam incapazes de perceber as pessoas negras como seres humanos e, portanto, passíveis de amor. Analisando um excerto de Caio Prado Jr. – no qual o autor designa como "amor de senzala" as interações afetivas entre escravizados, afirmando que este não foi capaz de realizar o milagre do amor humano e se resumiu ao nível primário do contato sexual –, Lélia Gonzalez é contundente ao afirmar que "nessa perspectiva, ele pouco teria a dizer sobre essa mulher negra, seu homem, seus irmãos e seus filhos. Exatamente porque ele lhes nega o estatuto de sujeito humano. Trata-os sempre como objeto. Até mesmo como objeto de saber" (GONZALEZ, 1984, p. 232). Ao reduzir a atividade afetivo-sexual à simples cópula, Caio Prado retira justamente a dimensão erótica da interação, dimensão esta que teóricos do erotismo como Bataille (2013) apontam como fundamental ao ser humano.

Feitas estas considerações, temos que uma das principais expressões da poesia erótica de autoria feminina negro-brasileira é justamente o resgate da dimensão afetiva humanizadora do sujeito negro, por meio, especialmente, da tematização do corpo e do resgate da ancestralidade originária, seus símbolos e imaginário afrocentrado. Nessa poesia, os corpos negros pavoneiam, interagem e gozam o prazer negado por séculos de racismo estrutural. É possível notar uma estratégia poética que tenho chamado de *positivação do corpo negro* [2], na composição de poemas que tematizam a erotização de corpos negros e seus traços fenotípicos em processo de reversão da negatividade histórica atribuída a esses corpos nos processos coloniais. Autoras como Cristiane Sobral, Miriam Alves, Dandara Suburbana, Nina Silva, Priscila Preta [3] tem se dedicado à escrita do erotismo, no entanto, para o presente texto, alguns poemas do livro *Estado de libido ou poesias de prazer e cura*, de Carmem Faustino (2020), serão a baliza desse expressar autoamor pelo corpo, satisfatório em seus aspectos mais intrínsecos, desejável em sua negritude, como o texto *Construção*:

Meu corpo
É espaço de criação
E força motriz
Onde aprendo a cada curva
Edificar um templo meu
Movimentar meus desejos
E alinhar a vista turva
Da lente pálida
E distorcida
Que cega minha realeza negra

Sou minha fonte de prazer
Meu abrigo de amor e cura
(FAUSTINO, 2020, p. 87)

Sobre as cicatrizes coloniais, borda-se uma perspectiva outra, não mais distorcida pela "lente pálida" da branquitude desvalorizadora. O amor, o desejo e o prazer que dele decorrem compõem-se muito na perspectiva que Audre Lorde (2020, p. 73) apresenta no texto *Os usos do erótico: o erótico como poder*, em que argumenta sobre o erotismo como força de vida: "em contato com o erótico, eu me torno menos disposta a aceitar a impotência, ou aqueles outros estados do ser que nos são impostos e que não são inerentes a mim, tais como a resignação, o desespero, o autoapagamento, a depressão e a autonegação". O poema Viva, também de Carmem Faustino, expressa esse movimento de adoção do erótico como poder:

Eu faço
Do erótico
A poética viva
Do meu dia a dia
A cada gozo
Expelido
Do meu ventre
Na cama
Ou na rua
Curo
Feridas
E sigo
Firme
Preta
Em frente.
(FAUSTINO, 2020, p. 110)

O corpo é materialidade discursiva da qual não é possível que o sujeito se desvincule na elaboração de si. A potencialidade do eu que fala tem como ponto de disparo o corpo: corpo e identidade, corpo e discurso, corpo e prazer que não se desvinculam. Para Viny Rodrigues (2020, n.p.) a autora "não só vai evidenciar que mulheres negras devem gozar, mas que esse gozar move estruturas pessoais e sociais". Celebrar o corpo negro, positivando-o, resulta em também em movimento para distanciar-se da apropriação objetificadora, sendo, então, possível, a continuidade com o outro, uma relação de maior horizontalidade, como no poema *Soul*:

Você é o ritmo
E eu a poesia
Juntos
Os agudos ruídos
Do cotidiano doído
Soam leves aos corações
E ouvidos
Equilíbrio das emoções
Construção de um novo abrigo
E assim
Bailamos o bem viver
Os tropeços e solfejos
Afeto ancestral
Difícil de erguer
Furacão de conflito
Tempestade de prazer
Mas real
E possível
De viver
(FAUSTINO, 2020, p. 56)

O prazer possível de se viver demarca esse campo de reconfigurações de si e do outro, a mulher que flui em águas e bailados, permite-se a escrita e o afeto, elaborado ancestralmente. Aqui, afeto é tecnologia de resistência na guerra contra a desumanização de corpos cuja cor da pele é estabelecida como determinante de seu estar-no-mundo. Em uma sociedade na qual a racialização dos indivíduos produz hierarquias políticas, sociais, econômicas, bem como amorosas e sexuais, amar é lutar contra ter "a pele como destino", destino de solidão, violência ou objetificação. Encarar o perigo da escrita/ poesia equivale a encarar o perigo dessas tempestades cotidianas das relações amorosas, relações que começam pela garantia do amor por si mesma, operando, finalmente, a desejada modificação da política dos afetos. Se existem cicatrizes inscritas na memória do corpo erótico, fazer amor com o verbo se sobrepõe a essas marcas e o texto de prazer pode então ser lido, como um palimpsesto.

NOTAS

[1] Fala proferida em conferência no evento V Colóquio Internacional de Literatura e Gênero / II Colóquio Nacional de Imprensa Feminina, no dia 03 de outubro de 2020, na Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

[2] O processo está analisado no artigo "Poéticas da cor/ eróticas de resistência: o corpo na poesia erótica de escritoras negras brasileiras" (BORGES, 2020), onde estão descritas também outras especificidades da produção poética erótica contemporânea. A positivação do corpo negro, a horizontalidade na relação erótica, o autoamor ou autoerotismo, a recuperação da ancestralidade afrocentrada são procedimentos temático-retóricos presentes na poesia.

[3] Ver, por exemplo, antologias de poemas como Pretumel de chama e gozo (KINTÊ; CUTI, 2015); Incorporos (SILVA, KINTÊ, 2011); A calimba e a flauta (PRETA; ROSA, 2012); Além dos quartos (LOUVA DEUSAS, 2015).

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, p. 229-235, 2000. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106. Acesso em: 20 mar. 2021.

BATAILLE, Georges. O erotismo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

BORGES, Luciana. Poéticas da cor/eróticas de resistência: o corpo na poesia erótica de escritoras negras brasileiras. Letra Magna - Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, São Paulo, Ano 16, n. 26, p. 90-110, jul.- dez. 2020. Disponível em: <http://www.letramagna.com/artigos_26/texto_06_26.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

FAUSTINO, Carmem. Estado de libido ou poesias de prazer e cura. São Paulo: Editora Oralituras, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KINTÊ, Akins; CUTI (Luiz Silva). Pretumel de chama e gozo: antologia da poesia negro-brasileira erótica. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2015.

LOUVA DEUSAS (Org.) Além dos quartos: coletânea erótica feminista negra. São Paulo, 2015. Editora Priscila Romio; Projeto Gráfico Jackeline Romio. Disponível em: https://louvadeusas.files.wordpress.com/2019/08/louva_deusas_erotica_2015.pdf. Acesso em: 10 mai. 2020.

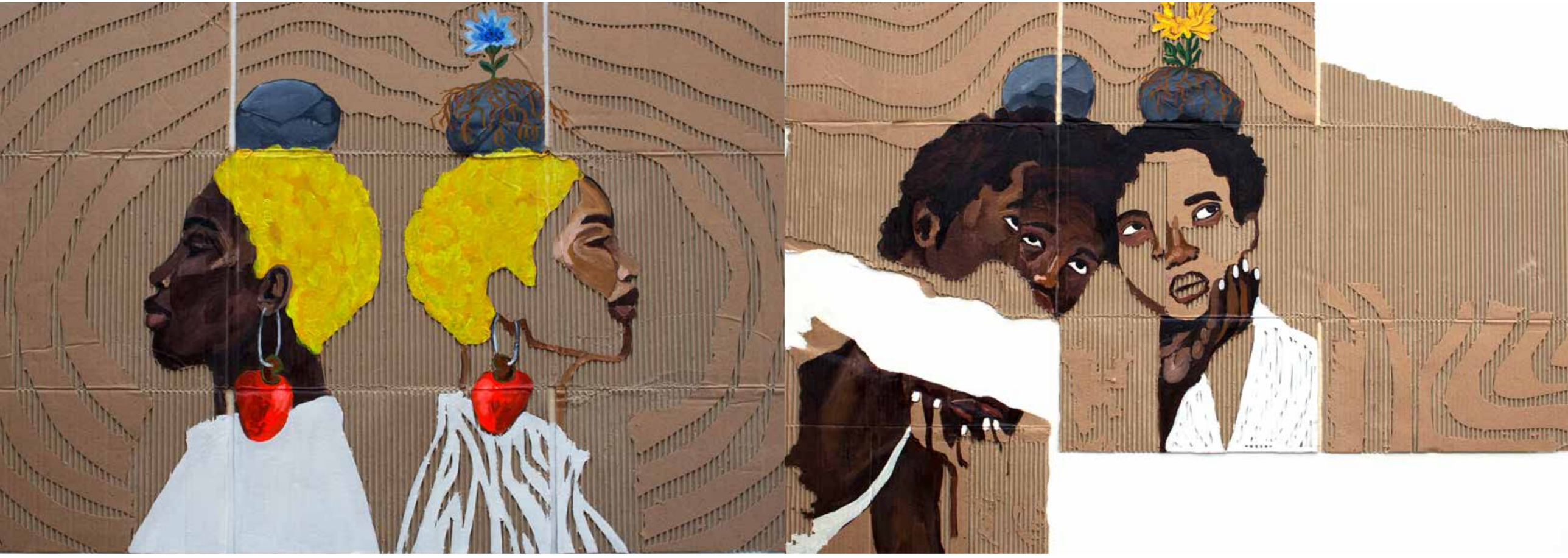
LORDE, Audre. Os usos do erótico: o erótico como poder. In: LORDE, Audre. Irmã outsider. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 67-74.

PRETA, Priscila; ROSA, Allan da. A calimba e a flauta: versos úmidos e tesos. Capulanas: Coletivo de Arte negra, 2012.

RODRIGUES, Viny. Resenha: Estado de Libido, de Carmen Faustino. Oralituras Editora, 20 jun. 2020. Disponível em: https://oralituras.medium.com/resenha-estado-de-libido-de-carmen-faustino-por--viny-rodrigues-f54f63a4b60c. Acesso em: 18 mai. 2021.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. A mulher de cor e o canibalismo erótico na sociedade escravocrata. In: SANT'ANNA, Affonso Romano de. O canibalismo amoroso. São Paulo: Círculo do Livro, 1987. p. 19-61.

SILVA, Nina; KINTÊ, Akins. Incorporos: nuances de libido (Coletânea de Poemas eróticos). São Paulo; Rio de Janeiro: Ciclo Contínuo, 2011. Disponível em: https://issuu.com/negranina/docs/04475_-_miolo. Acesso em: 15 abr. 2020.



Paty Wolff
Artista Convidada

BIOGRAFIA

Sou uma multiartista brasileira, que vive e trabalha atualmente em Cuiabá-MT. Geógrafa e mestre em geografia, pesquiso a decolonização da representação e do olhar sobre corpos negres em diáspora africana, povos indígenas e tradicionais brasileiros. Minhas criações transitam entre pintura, muralismo, desenho, ilustração, escultura, cerâmica, escrita e outras experimentações. Participo de exposições coletivas desde 2016, com destaque para o I Circuito Latino-Americano de Arte Contemporânea (Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre/ RS, 2021) e 26º Salão Jovem Arte (Galeria Lava Pés, Cuiabá/ MT, 2021). Recebi o Prêmio Díxtopia na categoria pintura em 2021 (Cuiabá-MT). Autora de "Como pássaros no céu de Aruanda" (Entrelinhas, 2021) premiado pelo Edital Estevão de Mendonça de Literatura Matogrossense e "Thehcitura" (Entrelinhas, 2021) selecionado pela Lei Aldir Blanc em Cuiabá. Ilustrei livros e capas de outros autores. Editora na Revista Ruído Manifesto, integro o Coletivo Ceramistas do Mato e o Coletivo Maria Taquara - Mulherio das Letras de Mato Grosso.

Luciene Carvalho
É escritora e poeta. Publicou Conta Gotas: Sumo da Lascívia, Aquerrale ou o livro da Madalena"; Porto: Cururu e Siriri do Rio Abaixo" (Instituto Usina); Caderno de Caligrafia (Cathedral); Teia (Teia 33); Devaneios poéticos (EdUFMT); Insânia (Entrelinhas); Ladra de Flores, Dona e Na Pele (Carlini & Caniato). Parte importante do seu trabalho, como declamadora, se faz em shows poéticos em que une figurino, efeitos cênicos e trilhas musicais para oferecer sua poesia viva e colocá-la a serviço da emoção da plateia. Luciene ocupa a cadeira nº 31 da Academia Mato-Grossense de Letras.

VOZ DA PELE

Faço estes poemas
pra falar com os meus,
pra ter uma conversa franca
que conte a opressão
nesta pele que não é branca.

Faço estes poemas
pra falar com os pretos
que resistem e sobrevivem
em toda forma de guetos.

Faço estes poemas
porque é urgente
que eu celebre
minha poesia
com minha gente.

Faço estes poemas
pra falar da cor
da pele e do preconceito,
pra falar do horror.

Faço estes poemas
porque nunca fiz,
porque nunca quis
abrir essa comporta.
Mas, hoje, isso importa.

Faço estes poemas
para dar voz
a mil gritos calados
por grilhão atroz.

Faço estes poemas
para descansar,
pois estou exausta
de tanto calar.
E, agora, me ouvirão cantar.

O ROLÊ

O guri deu bença pra mãe,
pegou a bicicleta,
foi dar um rolê.
Moleque
mal tinha feito dezessete.
Limpava quintal,
sonhava
jogar futebol,
curtia internet;
de todo assunto
queria saber,
queria curtir
E naquela sexta
foi dar um rolê,
mas deu foi azar:
antes de chegar
na casa da tia,
enquanto brincava,
enquanto corria
na onda da bike,
veio a viatura
e lhe deu um baque
mandando encostar.
Tentou explicar.
Explicar o quê?
"Vam'bora neguim,
ladrão vagabundo!"
O soco foi fundo
no pé da barriga.
Parecia briga,
mas era tortura...
Jogado no mato,
sem pé de sapato,
sem bike ou por quê,
o guri é corpo
sem vida, está morto.
E ele queria
só dar um rolê.

Joel Rufino dos Santos (1941 – 2015)
Nasceu em Cascadura, subúrbio do Rio de Janeiro. Estudou História na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, onde foi professor de cursinho pré-vestibular. Além de ser referência no estudo da cultura africana no Brasil, Joel foi ativista político, sendo perseguido pela Ditadura Civil-Militar – viveu até 1973 na Bolívia, quando pôde, enfim, retornar ao Brasil. Algumas de suas obras de destaques são Crônica de indomáveis delírios (1991), Quatro dias de rebelião (2007), Na rota dos tubarões (2008), Bichos da terra tão pequenos (2010) e Claros sussurros de celestes ventos (2012).

TRECHO DO ROMANCE 'CLAROS SUSSURROS DE CELESTES VENTOS' (2012)

1922, dia de Todos os Santos, começo da tarde

Afonso recusa o fígado acebolado com arroz que tanto aprecia. Daí a pouco, soam palmas. A chuva amainou, é agora fina, vaporosa, ao sabor do vento. O louco delira como vela que se apaga. Arlindo e Elisa prolongam o almoço na pequena mesa de pinho, vai ver roçam os pés. Evelina fuma encostada no batente, não podem reprimi-la o irmão nem o pai.

O visitante é um preto distinto, colarinho alto, gravata de seda, u'a mão repousa no castão da bengala, a outra segura uma pasta fina. Depois de levá-lo ao quarto de Afonso, correm espiar pela janela o carro que o trouxe. Não há nenhum.

Afonso interrompe a leitura e o convida a sentar. O visitante aponta com a bengala o colo do enfermo, amontoado de revistas e livros:

— Vejo que tens alguma coisa minha.

— Tenho tudo que publicou. Broquéis está na terceira prateleira da esquerda. Eu o respeito profundamente.

— Essa é uma confissão delicada de que não gosta. Eu, ao contrário, gosto de tudo o que tu escreves.

— Do que escrevi.

— Não, não, Afonso. Não tens nenhuma doença grave, produzirás ainda muito. Por exemplo, a história da escravidão no Brasil.

— Foi um sonho de moço, não tenho forças nem saber.

— Qual! E teu pai, como está?

— Nas últimas. Você não acha uma peça do destino o pai e o filho se acabando ao mesmo tempo?

O visitante dá uma palmada na coxa. Regula o sorriso:

— Afonso, Afonso!... Sempre me disseram que eras dengoso. Ainda vais me enterrar.

— A loucura de papai é vinte e quatro horas por dia.

— Sei o que é. Minha mulher também enlouqueceu.

— Consta que você a conheceu no cemitério.

— Não te fica bem a ironia.

— Desculpe.

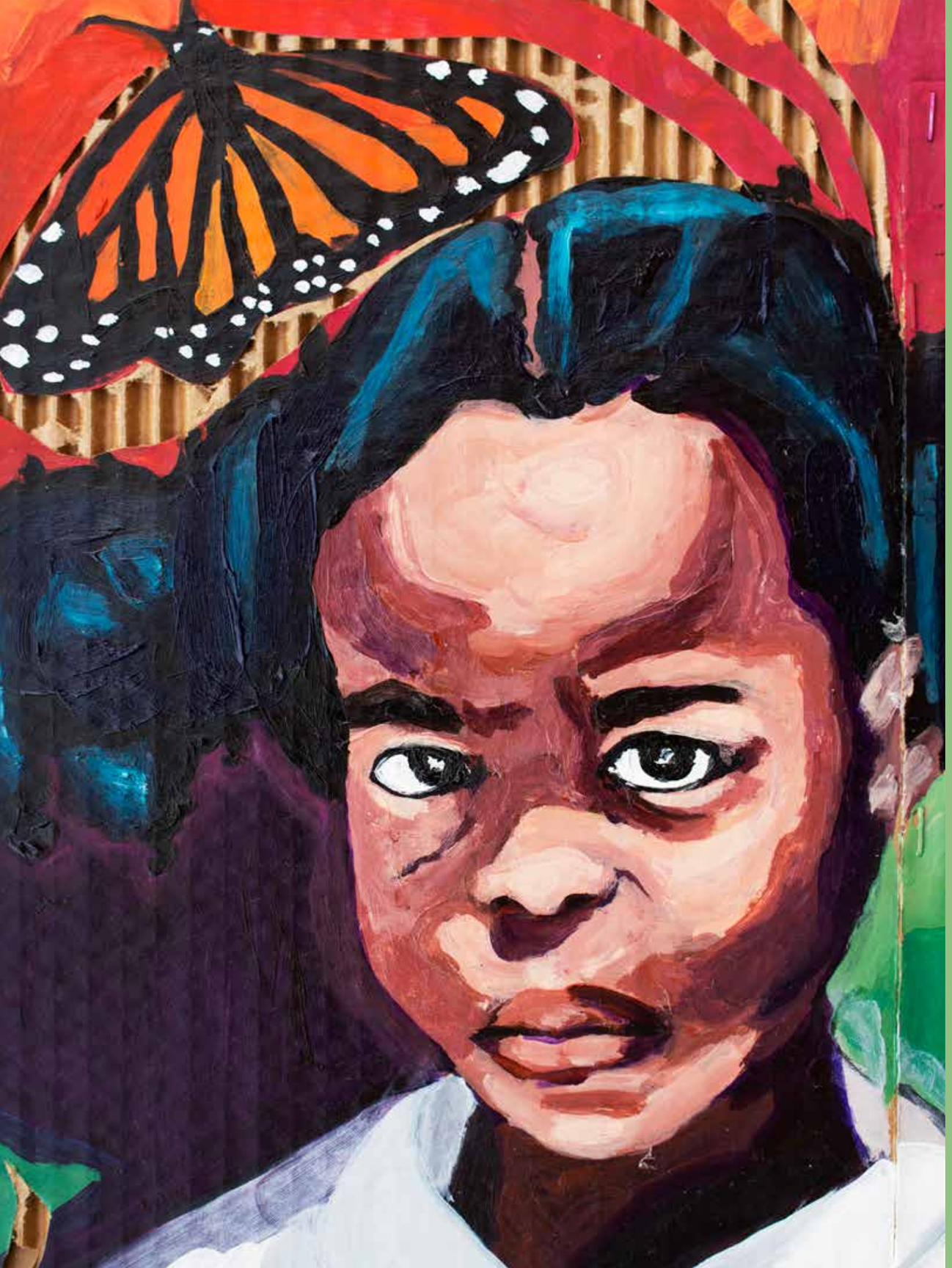
O outro recolhe a bengala:

— Vou chegando. No teu caso, repouso é medicina. Adeus.

— Resquiescat in pace, quer dizer.

— Não, não, no teu estado repouso é medicina. Voltarei amanhã, adeus.

— João! — a voz de Afonso o detém na porta. — Há uma grande diferença entre nós. Tudo o que você quis na vida foi não ser o que é. Eu, ao contrário.



Meimei Bastos
É autora do livro Um verso e mei, educadora, atriz, coordenadora do Campeonato de Poesia Falada do DF & Entorno e do Slam Q'brada. Graduada em Artes Cênicas e mestranda em Culturas e Saberes, pela Universidade de Brasília. Atua em diversos movimentos sociais, promovendo saraus, slams, oficinas, debates, cineclubes e rodas de conversa, especialmente direcionados à população negra e periférica. Publicou seu primeiro livro, Um verso e mei, Editora Malê, em 2017. O livro está em diversas escolas públicas do DF e do MS, pelo projeto Mulheres Inspiradoras. Premiada pela Secretaria de Estado e Cultura do Distrito Federal em 2018 com o prêmio de Cultura e Cidadania, na categoria Equidade de Gênero e em 2020 com o prêmio Aldir Blanc, na categoria Literatura, Atualmente, a autora coordena no DF o espaço cultural "CARACAS, véi".

AOS DE CORAGEM

o contorno de giz
do corpo sem vida
estendido no chão.
aquele corpo
também é
meu.
é meu o ferro no sangue
que se funde em grade.

anêmica,
quase
meio
sem vida,
perambulo
pelas vielas,
entre esgotos
e escombros.

minha derme
berra tua sede,
sente teus gritos,
enxerga tua dor,
enquanto enxugo
tuas lágrimas.

sua gente
clama por mim.
eu os desejo.
quero gerar teus filhos,
frutos,
e flores.

não demoro e atendo ao teu chamado.
virei e em seus lares me receberão.

feito as mães
me alimentarão
com o próprio sangue
e me darão um nome.

nos seus risos e punhos
farei morada
e quando do casulo das lutas florescer e partir as
correntes que te aprisionam,
dançaremos juntos os sonhos das primaveras.

seus olhos nos meus.
um horizonte.
serei somente tua
e do teu povo
e não mais me apartarei de ti.

AUXÍLIO EMERGENCIAL

escorreu as mãos no rosto
tirando o suor impregnado.
ajeitou as ferramentas certo
do dia seguinte.
bateu o ponto num inspiro
aliviado.

caminhou pelas ruas.
passou pela rodoviária.
viu no CONIC indiferentes
as moças, as travas,
as crianças com suas
máscaras de cola.

entrou em casa despercebido
pelo cachorro.
jogou-se no sofá murcho
de cansaço.
tragou impaciente
um Marlboro vermelho.

às 22h, desligou a TV amargurado,
não aguentando mais no ouvido
covid.
foi ter com a insônia uma noite lacerante.

despertou xucro,
resmungando, indignado:
não há lockdown
pra quem não mora no Lago.
trocou-se rápido para fugir do trânsito.
fumou desenfreado até a faixa vinte.

no primeiro ponto respirou forte;
no segundo já sentia o peito ardido;
no terceiro, foi quando todo o ar já tinha ido.

horas depois,
do auxílio emergencial
em análise, o status:
falecido.

CÁRCERE

dedico-me ultimamente
a infeliz função de
carcereira.

tornei-me Bangu:
presídio
de segurança máxima
para os meus poemas mais inconformados.

apesar de vacilante
tenho andado na linha,
seguindo rotinas,
contendo rebeliões.

às cinco da manhã
transfiro
os versos
à uma cela
cansada,
mal dormida.
se ali tentam fugir
advirto-os
do horário.

às seis e meia,
na mira de cinquenta e três corpos amontoados
na estrutura metálica
e fria apaziguo sua revolta lembrando-os
das dívidas.

às sete e meia: o ponto.
não há reboliço,
estão todos tecnicamente
contidos.
Control C
Control V.

se algum mais ousado
se manifesta,
delete.

meio-dia,
o Sol em Zênite.
enfileirados
os versos tostam a moleira
e descontentes
berram:
liberta-nos!
silencio-os,
considerando
o 13º.

quando trazem ideais
de sonho:
solitária.
em celas tão escuras
quanto os rostos cansados
no pau de arara.

às dezoito horas,
na volta,
prendo um e outro
mais agitado,
no punho daquela
senhora negra.
o céu de nuvens craqueladas
reflete o vermelho da sua revolta contida.
da soalheira das ventas infladas: o mormaço.

esta hora do dia é a de maior periculosidade.
do contrário de vencidos,
eles.
no lugar de quem se entrega,
eu.
assisto passiva minha redenção.
cativa, daquilo que
em mim reprimo.
estou refém,
de um subverso
expondo-me
a covardia.

Mel Duarte
É uma comunicadora com propósito, revolucionária do cotidiano que acredita nas palavras como ferramenta de transformação social para dias de paz e de luta. Escritora, poeta e slammer, forjada na cidade de São Paulo, encontrou na poesia um aparato de sobrevivência em meio ao concreto para não perder a ternura.Há mais de 10 anos planta sementes de fala, colheu cinco livros de poesia sendo o mais recente Colmeia- poemas reunidos (2021 Ed. Philos), dois infantis (Itaú leia para uma criança) e o álbum musical Mormaço- Entre outras formas de calor, além de diversas apresentações no Brasil e pelo mundo afora. Mel honra um compromisso ancestral de manter a palavra em movimento e escreve para ser insilenciável.

QUEREM NOS CALAR

Aqui estamos nós, donas de nossas próprias palavras, revolucionárias do
cotidiano, regando a terra outrora batida por nossas antepassadas,
firmando nossas pegadas, sabendo que hoje, cada vez que nossa
fala se propaga, equivale a dez que antes foram silenciadas.

Mulheres de uma geração atrevida, filhas dos saraus e das batalhas de poesia,
alquimistas, libertárias, propagandistas da oralidade,
compartilhando nossas travessias,
bradando nossa realidade!

Sempre semeando essa terra verbo fértil,
perpetuando nossa existência através de versos,
escrevendo quantos poemas manifestos forem necessários por dia
pra cada vida interrompida ter mais valia.

Não mais invisíveis, não mais mercadoria.

Se querem nos privar, ocuparemos espaços!
Se querem nos apagar, escreveremos livros!
Se querem nos calar, vamos falar mais alto!

(Livro "Colmeia- Poemas Reunidos" (2021)
Capítulo Favo, pg 115
Editora Philos)

BEM-VINDA!

Eram faíscas suas palavras que me queimavam em doses homeopáticas
durante todas as noites...
Foram longos anos, dia após dia perdendo um pouco mais minha autoestima,
abrindo mão das roupas que gostava, dos estudos, do trabalho e das amigas,
fazendo de tudo pra evitar brigas,
mas ele sempre dizia que a culpa era minha.

Até que um dia, me empurrou, me acuou
como se eu pudesse caber em qualquer fresta, encurralada,
me mandou ficar calada e, com medo, obedeci.

Eu pedia desculpa toda vez depois de falar
como se fosse um defeito de nascença querer me colocar.
A minha casa se tornou um ambiente tão hostil e eu,
prisioneira das minhas próprias ideias,
acreditando que o amor era isso, esse abismo, onde só um fala e o outro, fica omisso.

Precisei tirar forças de lugares sagrados
pra me afastar e reagir, recolher meus pedaços.
Meus olhos encheram de mar, eu desaguei,
decidi não mais me calar, denunciei!

E depois do silêncio quebrado, meus pensamentos em guerra cessaram,
recuperei o fôlego e ouvi meu coração sendo grato.
Encontrei em mim um porto seguro, entendi que meu corpo é meu lar
e, no caminho até ele, escolho quem anda comigo e quem convido pra entrar.

Hoje, quando olho pra dentro, vejo uma nova mulher renascendo,
eu celebro sua chegada e contemplo essa nova vida.
Sem medo, abro a janela de casa
e, com olhar de quem a tanto tempo esperava,
te pego pela mão e digo:
Seja bem-vinda!

(Livro: "Colmeia- Poemas Reunidos" (2021)
Capítulo: Néctar, pg 139
Editora Philos)

CORAÇÃO DE MÃE

(Dedicado aos meninos da Fundação Casa)

Frestas invadem janelas
ruídos, sistemas, celas.
Risadas? Amarelas.
Um reflexo, uma luz, que não reverbera.
Fardas são singelas e a mente não oxigena
faltam palavras, trocas, telas, poemas...

Existem almas sinceras que clamam por atenção!
Existem almas que precisam dar e receber perdão.
Uma pausa do mundo, seres confusos, exclusos
sentimentos, sentir medo, sentimos tudo.
Ações e reações por impulso
resgatar, mentes em desuso

Meninos Labirintos
menores em idade
maiores descaminhos

Querer seguir adiante,
mas como ultrapassar o abismo?
Na falta de conhecimento, improviso.
Na sobra de tantos conselhos, corra o risco!
O estudo é arma de tiro certo,
mas a ignorância faz seu trabalho desde cedo
veja bem, não querer bancar o esperto,
vai lhe manter mais perto, de quem te guarda dentro do peito.

Deixe que as palavras pétalas que saem de mim,
sirvam de semente rascunho para o teu jardim.
Observe e absorva tudo que lhe rodeia
e lembre-se:
Coração de mãe é grande sim,
mas não cabe na cadeia.

(Livro "Colmeia- Poemas Reunidos" (2021)
Capítulo Pólen, pg 88
Editora Philos).

Michel Yakini-Iman
É escritor e produtor cultural. Autor de acorde um verso (2012), Crônicas de um Peladeiro (2014), Amanhã quero ser vento (2018) e Na Medula do verbo (2021).

CABOCLO PALESTINO

Sabe mano,

Hoje, saí de casa na certeza que escreveria sobre o genocídio do povo palestino, pesquisaria sobre a faixa de Gaza, sobre o histórico da região, pra compor argumentos e me unir aos que me identifico nesse grito urgente.

Bastou cem metros de caminhada e encontrei seu irmão e de bate-pronto me lembrei de você, da sua ausência e meu mundo voltou a apontar pra cá, pra quadra da rua de trás, pro dia em que te conheci, pro dia em que conheci seu mano e me dei conta de que ainda é preciso escrever muito sobre nóis. Sobre a linha de corte desse balaio do caboclo-palestino.

Precisei apenas atravessar a rua pra encontrar a morte sendo entregue que nem pizza na frente do portão, quentinha, sem importar o nome de quem fez, a cara do indivíduo, o porquê. Assim: sem muita explicação, entregou, tchau, boa sorte!

E somos tantos iguais, né, mano? Parece ironia, mas você carrega o nome do seu pai e seu pai, assim como você, não soube o que é ter trinta e poucos anos. E eu que achava que esse medo já não me rondava, ficava me gabando da nossa geração ainda tá vivona por aí... Ilusão.

Vê só: Esses dias, encontrei aquele chegado, que não via há tempos, com um sorriso estranho me dizendo que acabou de vir de uma clínica catequista e que agora é só Deus pra continuar firmão. Devolvi o sorriso sem graça, por saber o fim da história, que o mano não sabe que tem uma doença e acredita mesmo na ruindade do seu espírito. E certamente, logo mais, ele vai descer de baixo da ponte pra pipar com esse tal demônio travesso. E o pior: com vergonha de olhar pra mim. Tomara que não!

Depois, já de noitinha escrevi uma carta pro menino do nosso conceito, que mais uma vez tá guardado, com aquele sorriso lindo e a cabeça dura de tanto incompreender porque a vida só lhe presenteia com algemas e surras de xilindró. E a mãezinha dele, que viu a gente ser gente, me pediu um livro pra levar, porque toda vez que ele vai em cana inventa de ler, mesmo não sabendo a diferença de um "A" prum "V". Acho que, agora, isso faz diferença no xis, dá moral, quem lê ou finge que lê mostra sinal de inteligência e, normalmente, dá as cartas do quadrado. Vai saber...

E o curumim? Esse a gente viu crescer, pegamos no colo e os caramba. Ele vem me visitar vez ou outra, mas tinha sumido. Encontrei ele no busão todo sem graça. Já sabia que ele tava aprontando. Má notícia é rapidinho pra derramar. Fiquei na minha, não posso dá lição de moral no muleque. Ele quer ter carro, tênis, roupa, comer o que deseja. Por que não? E mesmo quando apareceu aqui, depois de saber que eu tava numas dificuldades, eu só pude abraçá-lo e dizer: Se cuida menino, gosto de você, caramba!

O que me faz lagrimar escondido, mano, é que quase sempre a linha de chegada deles será como a sua, de um corpo pálido, furado a ferro, numa gaveta fria. Notícia que chega como numa entrega corriqueira de pizza no portão. Assim: sem muita explicação, entregou, tchau, boa sorte! Ficou sabendo? Fulano morreu? É, fazer o quê? Pois é, fazer o quê?

Ficou banal. Nossa morte não comove ninguém, porque ela é lenta, muquiada e fatal. Feita na espreita pra nenhum ser humano reclamar da nossa insignificante presença nesta terra ingrata. Hoje é mais seguro lutar pela vida na Palestina do que pela sua quebrada, senão é capaz que o próximo caboclo a sumir seja você.

Esse mundão tá um caos sem solução. Por isso, esteja em paz mano, por onde estiver, pois, com certeza, estará melhor que aqui.

Natasha Felix (1996-)
É poeta e performer, nascida em Santos (SP). Use o alicate agora (Ed. Macondo 2018) é seu livro de estreia. Participou de diversas antologias, com destaque para As 29 poetas hoje (Ed. Companhia das Letras, 2021) e Nossos poemas conjuram e gritam (Ed. Quelônio, 2019). Atualmente, trabalha como assistente curatorial no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

POUSADA VILA MOINHO

Manhã de tédio. Decidimos brincar de outra coisa
que não fosse um de nós dois suspenso no meio do
quarto 82 girando pingando suor no carpete
as mãos amarradas às costas em um nó Prusik.
Dessa vez, j. abriu a maleta e separou pó de arroz
tinta as perucas e me estendeu na palma da mão meu nariz
vermelho e inchado – deixou sob minha custódia a
solução da charada. Comigo, o isqueiro. Com j.
a chave na ignição. Nos olhamos a ponto de cometer
um crime. Foi quando boca salivou
um pouco que os olhos chamuscaram também.
Era meu o corpo elétrico dando pinote na estrada.

HOTEL VILA MOINHO

lá vem os dias piores.
garfo o cabelo.
garantia de que haverá fogo.
mantenho rigor no desejo de viver.

POUSADA IMPERADOR

Depois, j. fez um gesto com a mão como se espantasse
moscas do copo americano. Era Santa Bárbara do Leste
era cheiro de diesel no ar. j. deixa que a guimba
queime enquanto um arco de sol invade a cara dele, o tampo do
mini freezer, o cardápio logo em cima. As toalhas brancas ainda
dentro do plástico. O lençol de procedência duvidosa. O sol invade
as cordas, minha coleira, o cinto de couro. A palavra de segurança
descansando dentro do cofre.

Não restou
pedra sobre pedra.

Até a placa *não perturbe* largada no chão do quarto o sol se deixa invadir também.

Nina Maria
É natural do interior da Bahia, da cidade de Santo Estêvão. Nascida no ano de 2000. É preta, poeta, escritora, geminiana, feminista, lésbica, curadora literária internacional e editora da revista e site Ruído Manifesto, colaboradora do canal @jugmeirelles. Atualmente faz curso técnico de produtor cultural pelo SENAC-BA, é também graduanda em letras com língua francesa – UEFS. É autora dos livros A flor da Pele (Editora UEFS - 2019), Ela – Poemas e Cartas de amor (Independente - 2020), Há nove luas em mim (Editora Pedregulho - 2020), Eu vendaval Eu furacão (Editora Pedregulho - 2021). Organizadora da exposição e coletânea Cartografias Poéticas: A joia do Paraguaçu em cena (Editora Mondrongo - 2021) lançada na segunda edição da Festa Literária de Santo Estêvão. Possui a poesia como essência e guia de vida, escreve para não morrer e dar sentido ao universo do qual vive. Sua poesia existe e resiste de maneira à flor da pele, presente em algumas antologias nacionais ao lado de poetas negras como Conceição Evaristo, Jarid Arraes, Mel Duarte, Lubi Prates, além de antologias internacionais e poesias publicadas em países como Alemanha, Argentina, Chile, Bolívia, Colômbia, Peru, México, Suíça e Portugal.

MEMÓRIAS

Edições Me Pario Revoluções]
A história por trás da mulher que sou
esconde uma menina,
criança,
que viveu de tudo,
até uma vida inventada.

A história da criança menina que fui
há um pai ausente,
que poucas vezes vi.
Um pai que se escondia nas
festas quando me via,
e falava: você não é minha filha.

A história da criança menina que fui
envolve uma mãe que sempre fez de tudo,
e ainda faz.
Uma mãe que sempre foi forte,
e que nunca deixou faltar nada,
se desdobrava,
por vezes engolia o choro,
as ofensas,
e até mesmo algumas ausências.
Nunca levou desaforo pra casa
"com minhas filhas ninguém mexe."
e ainda que não gostasse de tirar foto,
sempre apareceu sorridente,
dizendo "o que eu não tive,
vocês terão."

As poucas memórias que tenho
da criança menina que fui
retratam uma menina que sempre foi moldada,
forçada,
criada à sombra de uma cultura desconhecida.
Reminiscências do dia em que
me vestiram de baiana
e me expuseram para todos,
ainda lembro das piadas,
das risadas,
e de toda a graça
que fui marcada,
o riso forçado
revela alguém que sempre tive dificuldade
para se encaixar nessa sociedade.

Da mulher que sou hoje
muito devo a minha mãe
nunca desisti,
me reinventei,
ousei tentar,
consegui
e ainda continuo a tentar.
[para que eu nunca me esqueça que aqui,
sempre existirá um passado pra honrar
e um futuro para semear.]

["Cartografia afetiva: registro de memórias através da fotografia e poesia" ministrado por Ornella Rodrigues - SESC/SP]

(DES)CONHECER

No meio deles não me reconheço
tiraram-me de casa
e me jogaram no mar
no meio dos tubarões
nado nado nado sem parar.
No meio deles não me reconheço
Porque ouço risos e açoites,
piadas e deboches
[e meu choro baixinho disfarçado de risos
para que eu não seja a próxima vítima]
No meio deles não me reconheço
Porque preciso me pintar para ser aceita
e a cor favorita sempre foi o branco.
Cresci desconhecida de mim mesma,
alheias aos meus iguais,
perdida em meio a multidão.
Quando mirei a minha pele
a minha verdadeira pele
e enxerguei além
descobrir tantos outros eus,
tantas histórias, tantas vidas,
tantas lutas, tantos sonhos.
Quando escutei minha própria e verdadeira voz
cantei melodias desconhecidas
por mim mesma
um canto de liberdade
ecoando nos para além dos porões.
Eu, que agora me reconheço
canto para salvar o outro,

SONS DE MARIELLE

o meu povo.
Entre correntes
Ouço dos canaviais
Sons da resistência

Ondas de tormenta
Atentam meu filho
Teu lugar não é aqui

Ouço dos canaviais
Ecos de gritos
Desrespeito!

Vestes rasgadas, seios desnudos
Maltratada, objetificada
Mais uma preta é violentada.

Ouço dos canaviais
Coros em choros

Criança renegada,
Maltratada, excluída
aqui jaz morta ou escrava.

Ouço dos canaviais
Sons de resistência

A mulher resistiu
A criança cresceu
Mãe e filho
Homem e mulher
Nação explorada,
Com uma cultura apropriada
Mas ainda assim, ignorada.

Canaviais de aço
trabalho desrespeitado
Mais uma vez, meu povo aprisionado

Canaviais da esperança
Ecoam vozes, potentes e presentes
Da África ao Brasil
Dos Estados Unidos ao Haiti
Minha cultura grita:
[Poesia
Música
Cinema
Teatro
Trabalho
Judiciário, mesmo que julgados
palavras de ordem, respeito e resistência.]

Estamos em todos os lugares
Somos de todos os lugares
Presentes em diversos lugares
Dentre os lugares, sempre, Marielle presente.

[Espantologia Marielle em Nossas Vozes.

ÊH LÁ EM CASA ÊH

juntar três pau de ginga
meter rasteira
plantar roseira
êh pau de ginga êh

cavar três terreirão i arremate
subir casinha
afogar gentinha
êh terreirão i arremate êh

soprar três folha de arruda
roer ossinho de menino réi
lamber dedinho de menino réi
êh folha de arruda êh

lamber pedaço de dengo i banzo
tambor a pele mi'a
túnel a goela mi'a
êh dengo i banzo êh

amalocar aquilombar
aquilombar amalocar
êh-hhhhh casa-êh

FALO DE UM OUTRO FUTURO

tinha coração selvagem lá dentro
cova funda hq pão pra cumê
pedaços de pedra cachorro
bebê-encantado amada
mulher pajubá fenomenal do fim do mundo

tenho pressa vai devagar

tinha pau de ginga terreirão i
arremate folha de arruda
dengo i banzo maloca quilombo
saci-pererê dançava em cima da ruína
a gente fez um pango da diáspora

a pertença é um beiço
o futuro não demora e tava lá dentro
sereno pra fudê

Nina Rizzi
É escritora, tradutora, pesquisadora e professora. Formada em História pela UNESP e Mestra em Literatura Comparada pela UFC. Traduziu obras de Alejandra Pizarnik, Susana Thénon, Clorinda Matto de Turner, bell hooks, Alice Walker, Ijeoma Oluo, Abi Daré, Langston Hughes, entre outres. Autora de tambores pra n'zinga, a duração do deserto, geografia dos ossos, quando vieres ver um banzo cor de fogo e sereia no copo d'água. Coedita da revista escamandro - poesia tradução crítica; vive em Fortaleza, onde faz laboratórios de escrita criativa com mulheres e integra as coletivas Pretarau - Sarau Das Pretas e Sarau da B1.

CANÇÃO, EM LUGAR DE TRADUÇÃO

você se pergunta se estou sozinha:
sim, estou sozinha
como a menina solitária e descalça
em suas roupas ganhadas, suas carnes lanhadas
sonhando com o através os canaviais
em cima de seu cavalo
que logo já não seria mais seu.

você quer me perguntar, se estou sozinha?
sim, claro, sozinha
como uma mãe com sua cria
uma mãe-polvo que não pode deixar nada para trás
porque a cria grita e grita e grita
e os tentáculos nunca podem dar conta
porque uma mãe sempre está
sozinha, até na morte

se estou sozinha
a solidão é mulher, é preta, e é tão bonita e é além
acordar, respirar o fumo olhando a janela
como se pudesse atravessar janelas
dormir e acordar
em uma casa-oca com pajaritos fazendo festinhas

se estou sozinha
una hojita despencando lenta
no meio da floresta
tantas árvores, tantos bichos
una hojita, solita
despencando lenta
neste país onde queimam florestas.

DIÁSPORA NÃO É LAR

leio num livro em árabe a história
e a história da poeta
fico martelando martelando por
que não submerjo e escrevo
também pra além e além de minhas avós?

além até mesmo das vovozinhas
que invento e furto

vou ao oráculo e olho bem as
imagens dessa escritora
viva que se autodefine
brown
um tradutor escreve caramelo
penso em belchior
— sei dizer as sete gerações do meu cão belchior
um tradutor escreve marrom
— lembro dos lápis de cor que
não eram “cor de pele”
um tradutor escreve parda
— sei dizer o papel de pão que foi
meu caderno na alfabetização

que alegria se autodefinir

penso na mulatinha que fui
negrinha quando convinha
birracial branquela plebeia
kisses, megan princess, kisses!
tudo que não sei
sabe a polícia
sabem os caras do censo
sabem os brancos quando não
estão matando gente
todo mundo parece saber

afogaram minha casa e minha
gente no atlântico?

diáspora não é lar
gritos terríveis
cheiro de pelos de porco sapecando
vai ter carne hoje!
fica feliz a pivetada

aquela fumaça é minha família?

o oráculo não diz se minha casa foi afogada
não diz se minha família foi queimada
não diz das árvores que imagino
tantas e tantas voltas pra esquecer um nome
não diz dos laços que lanham as carnes
as carnes fodidas pra chegar a este branco
um branco coletivo — na pele, na história

gente? atlântica?

diáspora não é lar
não sou neta das bruxas que
não foram queimadas
minha avó branca adotou minha mãe preta
minha avó branca espancava minha mãe preta
minha avó branca perdoou seu marido branco
que estuprou uma menina de 7 anos
— até que a morte os separe

impossível escrever dentro d’água
impossível escrever no meio do incêndio

o antes da avó postiça é tudo afogamento, ruína
o antes da avó paterna também
ela só tremia e tremia e tremia quando
fugimos ou fomos expulsas
— pelo homem branco, marido estuprador
isso é tudo é a mesma coisa
diáspora, não lar

TRECHO DO ROMANCE PÓSTUMO 'CLARA DOS ANJOS' (1948)

Os seus protetores tinham sido abastados; eram descendentes de um alferes de milícias que tinha terras, para as bandas de S. Gonçalo, em Cubandê. Pouco depois da maioridade, com a morte do chefe da casa, filhos e filhas se transportaram para a Corte, procurando aqueles empregaram-se nas repartições do governo. Um dos irmãos já habitava a capital do Império e era cirurgião do Exército, tendo chegado a cirurgião-mor, gozando de grande fama. Para a cidade não trouxeram nenhum escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram. Com eles só vieram os libertos que eram como da família. Pelo tempo de nascimento de Engrácia, havia poucos deles e delas em casa. Só a Babá, sua mãe e um preto estavam sob o teto patriarcal dos Teles de Carvalho.

Engrácia foi criada com mimo de filha, como os outros rapazes e raparigas, filhos de antigos escravos, nascidos em casa dos Teles.

Por isso, corria, de boca em boca, serem filhos dos varões da casa. O cochicho não era destituído de fundamento, naquela família, composta de irmãs e irmãos que, ainda bastardos, se compraziam, tanto uns como as outras, em tratar filialmente aquela espécie de ingênuas que viam a luz do dia pela primeira vez, em sua casa. As senhoras então eram de uma meiguice de verdadeiras mães.

Engrácia recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas, logo que se casou – como em geral acontece com as nossas moças – tratou de esquecer o que tinha estudado. O seu consórcio com Joaquim, ela o efetuara na idade de dezoito anos.

Lima Barreto (1881 – 1922).
Foi jornalista e um dos principais escritores do Pré-modernismo, publicou contos, crônicas, romances e sátiras. Além disso, tem uma imensa produção em periódicos cariocas, sendo vários desses textos em jornais anarquistas do início do século XX. Foi escriturário do Ministério da Guerra, cargo em que permaneceu até se aposentar. Lima Barreto escreveu, de forma madura e realista, sobre a vida cotidiana das classes populares. Principais obras: Recordações do Escrivão Isaías Caminha, romance, 1909; Triste Fim de Policarpo Quaresma, romance, 1915; Vida e Morte de M. J. Gonzaga e Sá, romance, 1919; e Clara dos Anjos (póstumo), romance, 1948.

Odair de Morais
Nasceu em Cuiabá, em 1982. Formado em Letras e em Jornalismo pela UFMT, publicou até o presente momento Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e o volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017). É poeta e escritor.

DESMANCHE S. A.

um silvo mecânico corta o ar em itálico

exorta
um pássaro à solta
no capô trincado de fuligem

silvestre cemitério citadino
o velho buggy atravessado no deserto da tarde
inútil e desalmado
a rural paraplégica
grasna
o abandono
reflete seu esplendor de rosas enferrujadas

oldsmobile
del rey
landau

tristes hóspedes em cumplicidade de asilo
os motores roem e remoem
a nostalgia de engrenagens que jamais
voltarão a funcionar
experimentam o exílio da mes-
ma cor paralítica
a imobilidade que se estende
como um lençol
de áspera espera
e poeira

olhos marítimos no painel
e esperma no banco de couro
toca-fitas e ponteiros flácidos
dos sonhando gangrenas
refletem estagnados na paisagem senil
o voo duma ave pelo céu puí-
do da urbe decola um jingle
uma libélula
live in the jungle
a selva de corpos e ferragens feridas a absorver o tempo com dis-
tinção exala seus estertores
estéreis motores aposentados
vendo o noticiário em televi-
sores preto e branco
repousam caducos
indefesos eunucos

a lataria estala
silêncio de cítaras
e pétalas de solidão drive-in

úberes que amamentaram a fantasia de
moscas robustas espremidas com desvelo
no assento traseiro

o gondoleiro engasgado
no areal ao longe

à hora morta
evapora um último desejo isento de business
o arrebol cobre com ferrugem a mú-
sica troante do ferro-velho
e a poesia metálica de estrelas gra-
tuitas sobre enlatados retorcidos
em coro evoca o armagedon

tem poeta
que se inspira
num dia de sol
na atual conjuntura
política social
numa pedra
numa folha
eu não
minha poesia
sai do coração
sangrando
batendo
acelerado
tudo que escrevo
é vivo
intenso
nada é abstrato

não tenho
filtro
e nem
critério

quem vier
de coração
limpo
e de corpo
aberto
eu caio

como chuva
temporal
me alastro
feito pólvora

sou feita
daquilo
que
transborda
arde
e deságua

lembro de todos
os cortes
do sangue escorrendo
ardor em meu peito

não escondo minhas
cicatrizes
afinal
para ter um coração
selvagem
é preciso lidar
com todas as marcas

ter orgulho
de apresentá-las, assim
em carne viva

são dois de Ogum
numa luta, contradição
dois guerreiros de paz
que brigam pela união

um se esconde na mata
outro na queda das águas
e quando o desejo alastra
fogo incendeia
cegam-se as espadas

são dois de Ogum e a paixão
mas a guerra nunca acaba
quem cede o coração?
vai baixar a guarda?

são dois de Ogum
amor, campo de batalha

não acreditava
na astrologia
em deus
nem tinha religião
mas quando viu
o escorpião tatuado
na minha virilha
ajoelhou e orou
até que eu chegasse
no céu

Ornella Rodrigues
Tem 42 anos, nascida e criada em Santos\SP. Escritora, poeta, fotógrafa e arte-educadora, sua arte dialoga entre palavras e imagens, versando sobre amor, fé e ancestralidade. Possui dois livros publicados: Como domar um coração selvagem, publicado em 2018 pela editora Fractal, e Vênus em Touro, lançando em abril de 2021 pela editora Desconcertos.

MORADA DE OYÁ

Carrego comigo traços
de uma mãe que tempera o meu coração
Ela me liberta, me abraça
e passa ao meu lado nos
olhos do furacão
incendeia, faz o corpo
sentir sua presença
puro fogo que arde e ninguém vê
Me eleva aos céus, sendo
a brisa mais leve
ela também me aquece
quando faz chover
Relampeia na precisão
Altiva guerreia
É a senhora que me sustenta
Do amor a fúria
Sua beleza ostenta
A natureza se movimenta
para lhe saudar
Em meus caminhos hélice
Tudo se confunde e tudo se funde
Em seu redemoinho é que se da coesão
Tudo se dividiu e nada se perdeu
Rainha do meu mundo
Seu templo sou eu.

Raquel Almeida
É poeta, escritora, arte – educadora, editora do selo Elo da Corrente Edições e produtora cultural. Fundadora do Coletivo literário Elo da Corrente, grupo que atua no bairro de Pirituba desde 2007 no movimento de literatura periférica/negra, realizando um sarau mensal e mantendo uma biblioteca comunitária no bar onde realiza o sarau. Iniciou seu trabalho artístico em 2005 cantando no grupo de rap Alerta ao Sistema e atuou na rádio comunitária urbanos FM 2006/2007. Ministra oficinas de literatura e criação poética em escolas, centros culturais entre outros espaços. Obras individuais: Contos de Yõnu (Contos), 2019 Elo da Corrente Edições; Sagrado Sopro – do solo que renasço (Poesias), 2014 Elo da Corrente Edições; Duas Gerações Sobrevivendo no Gueto (contos, poesias e crônicas), 2008, co-autora Soninha Mazo – Elo da Corrente Edições.

CORPA

Eu tenho um corpo
Que transpassa as vias da emancipação
Tenho um corpo, que transpassa
As vias da emancipação

Tenho um corpo aceso
Um corpo estereotipado
Queimado num sol seletivo
Um corpo quente, suado, forjado pra guerra

Tenho marcas de um açoite contemporâneo
Corpo bronze
Estampado nas prisões
Tenho um sangue coagulado
Convertido em lavas que correm no meu corpo vulcão

Corpo sem lugar fazendo-se de escudo e templo

Tenho um corpo estigmatizado
Subestimado
Largado em praças, sem casa, sendo caça
Corpo sem trabalho, sem boa aparência

Fazendo-se de lugar e templo

Tenho um corpo que transpassa
as vias da emancipação

Um corpo...
Subjugado a nada
Somente um corpo que cabe nas
brecha da conveniência
Cabível nas estatísticas
Um corpo MIXcigenado
Preto no que me cabe
E entregue aos conflitos do mundo.

EM RUA

as bordas que nos trombamos
É nas ruas
Os sonhos gingados em
mar e concreto
Nóis na rua
Tá no corre e corre no coração
A rua
Espreita de sentinela
Ela rua
Nos da a chave
Abre os caminhos
Da permissão
Não passe aqui
Embace ali
Lacrimeja almejando solução
Rua
Num labirinto que cerca minha trilha
A mais estreita é saída
a mais larga
Alarga em chumbo e folião
Nas ruas abertas aos montes
Nos becos esconde
alegria e solidão.

ERA PRA SER CANÇÃO

Nos rendemos ao comum
Nos laços do nós
Esticamos os lençóis
E voltamos a lugar nenhum

Entoando canto dos perdidos
Descompassado, empurrado
Estando só contigo
O desejo de estar do outro lado

Sou a sua música marcada
Que meu tom não alcança
E minha voz nunca cabe

Sou o olhar distante nas manhãs
Se perguntando pra onde corro?
Esperando um socorro, um
abrigo, um escape
Sou seus dedos dedilhando perdidos
num violão descolado que
nem som sai mais
Sou essa dor localizada
e a vontade frustrada de
um momento de paz.

GLOSSÁRIO

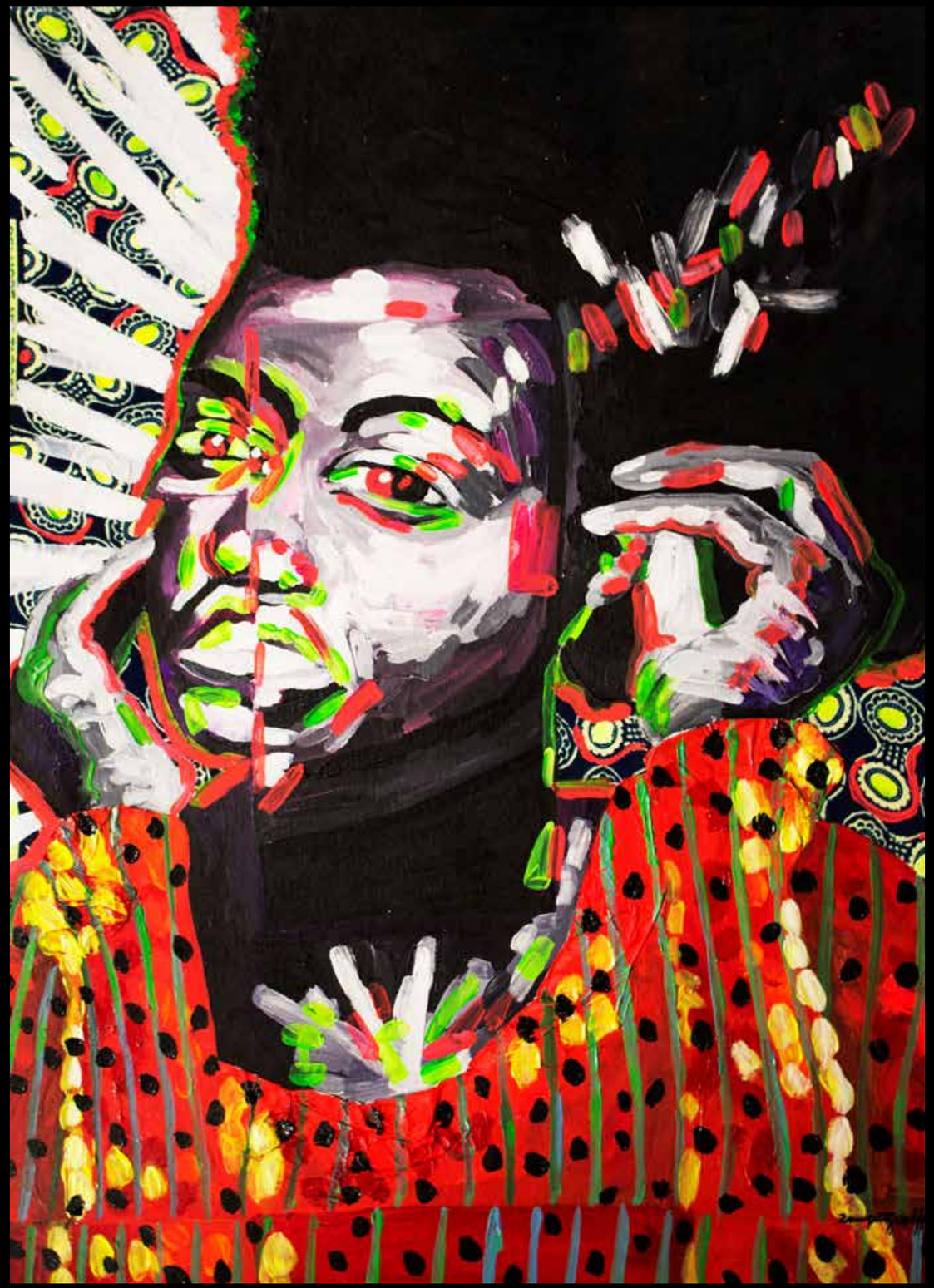
currupto no caso
é ladrão
fake news mentira
que te contam
e que se passa pra frente
genocida é o que
manda matar
deixar morrer
multidões você

A R I
C A
R O
L I
N A
M A
R I A

DIASPÓRICO

de estar em um outro lugar lendo minhas próprias pegadas num chão inventariado que já inventa a construção de outro no passo da invenção de mim mesmo na aurora de um e no princípio de outra ou na origem que em mim principia aquele outro da infância de um outre que começa em mim da alvorada dele que instala meu sopro que te rejuvenesce na antemanhã da pálpebra no advento de uma novidade na primavera do ovo surge algum eu que te olha da fonte germina algo que te motiva a semente ao me brotar da raiz te coloque no berço um brilho da fresta que enceta um sol rejuvenesça um no outro o que envelhece em nós inaugure uma nova intuição que

Renato Negrão
É um artista da palavra e da imagem. BH/MG. Autor dos livros No Calo (1996), Vicente Viciado (2012), Odisseia Vácuo (2016), entre outros. Atua, desde 1996, com linguagens e suportes variados, do livro à performance, da letra de canção à fotografia. Investiga as relações entre palavra, imagem, som e pesquisa o viés pedagógico da criação artística. Participou da curadoria do Circuito Literário da Praça da Liberdade. Integra a antologia Retendre la corde vocale anthologie de la poésie brésilienne vivante – Ed Maison de la poésie Rhône-Alpes/2016.



Sergio Ballouk
É escritor. Nasceu em São Paulo e foi criado na Vila Guilherme, nos bons tempos das lagoas e campos de várzea. Tem textos publicados em diversas antologias, tais como: Sarau da Brasa, Pretumel, Contos Afros, entre outras. É presença constante nos volumes de Cadernos Negros, do grupo Quilombhoje Literatura, com poemas e contos desde 2005, ano de estreia na literatura. Autor de Enquanto o Tambor não Chama (poemas, 2011); Casa de Portugal (contos, 2015) e O Batismo da Capoeirinha (infantil, 2019) e do recente Recital de Pedra (poemas, 2021). E, dizem as boas línguas, também visto com frequência no sarau Elo da Corrente, lugar de poesia e amigos. Facebook: sergio.ballouk.7 | Instagram: sergioballouk.

DIA COMUM NUMA CIDADE INCOMUM

Normalmente atitudes racistas pegam as pessoas desprevenidas. Quando se está à espera, pronto para acontecer, nada acontece. Acontece é quando não se espera, distraída na rua, olhando uma vitrine, procurando um presente para o amor. Bem assim. Na real, dentro de um mercado, de um espaço público, ou apreciando uma paisagem, as pessoas não esperam o afronte de um racista jogando a baba fétida, gosmenta, pra cima de alguém. Essa é a desgraça. Mal aventurados os distraídos, e céticos! Ruth dizia não ser dessas pessoas. Estava sempre atenta. Por diversas vezes, dentro de um cenário possível de se tornar um alvo registrava milimetricamente aqueles primeiros minutos, como uma cena de um filme que ela queria decorar as falas, os passos, a sequência dos fatos, o gesticular das pessoas, a sutileza dos perfumes, a respiração, a ausência de expressões nas testas. Ou apenas um olhar para uma lata de ervilha, uma embalagem errada em uma gôndola.

Meu celular sumiu!? Fui roubada!! E foi num mercado mesmo, no corredor de legumes. Só uma senhora branca e Ruth. Automaticamente dispara o sensor de prevenção anti racistas na Ruth. Como uma gravação de câmera de segurança, retorna à sua mente em *slow motion* o momento exato em que viu a senhora durante a escolha de quiabo no mercadinho do Seo Norberto. Foi há três minutos, logo depois que virou do corredor de produtos de limpeza com uma barra de sabão de coco. Estava há 2 metros e 25 centímetros uma da outra. Ruth era uma chata para comer mas, incrivelmente, adorava quiabo, tanto que aprendeu a escolher e gostava de escolher. Verificar se os miúdos estalavam a pontinha entre os dedos, atestando qualidade futura na panela, e desse modo já havia no saquinho quase 850 gramas, quando uma senhora de cabelo ocre pilotava um carrinho de mercado com um moleque de 3 anos, no máximo, dentro do veículo de mercadinho. O menino segurava o aparelho de celular branco gritando que queria aquele pacote de amendoim coberto de chocolate. Contaria em minúcias o ocorrido se acontecesse de ser incriminada. Imediatamente apareceu um segurança, assim como uma funcionária que estava tomando café e, também, um senhor curioso, do corredor das cervejas. Alarme falso, pois no mesmo instante o celular desaparecido estava caído na gôndola de cebolas, e alardeava com uma irritante musiquinha lembrando a dona de tomar remédios. Ruth Prevenida, poderia ser até seu sobrenome. Mas era Silva mesmo. Prevenida. Esse era o mérito dela. Não aconteceu dessa vez, mas ela estava preparada. Ruth funcionava assim. Às vezes desconfiava que era um transtorno obsessivo compulsivo que lhe acometia, um pré cuidado exagerado.

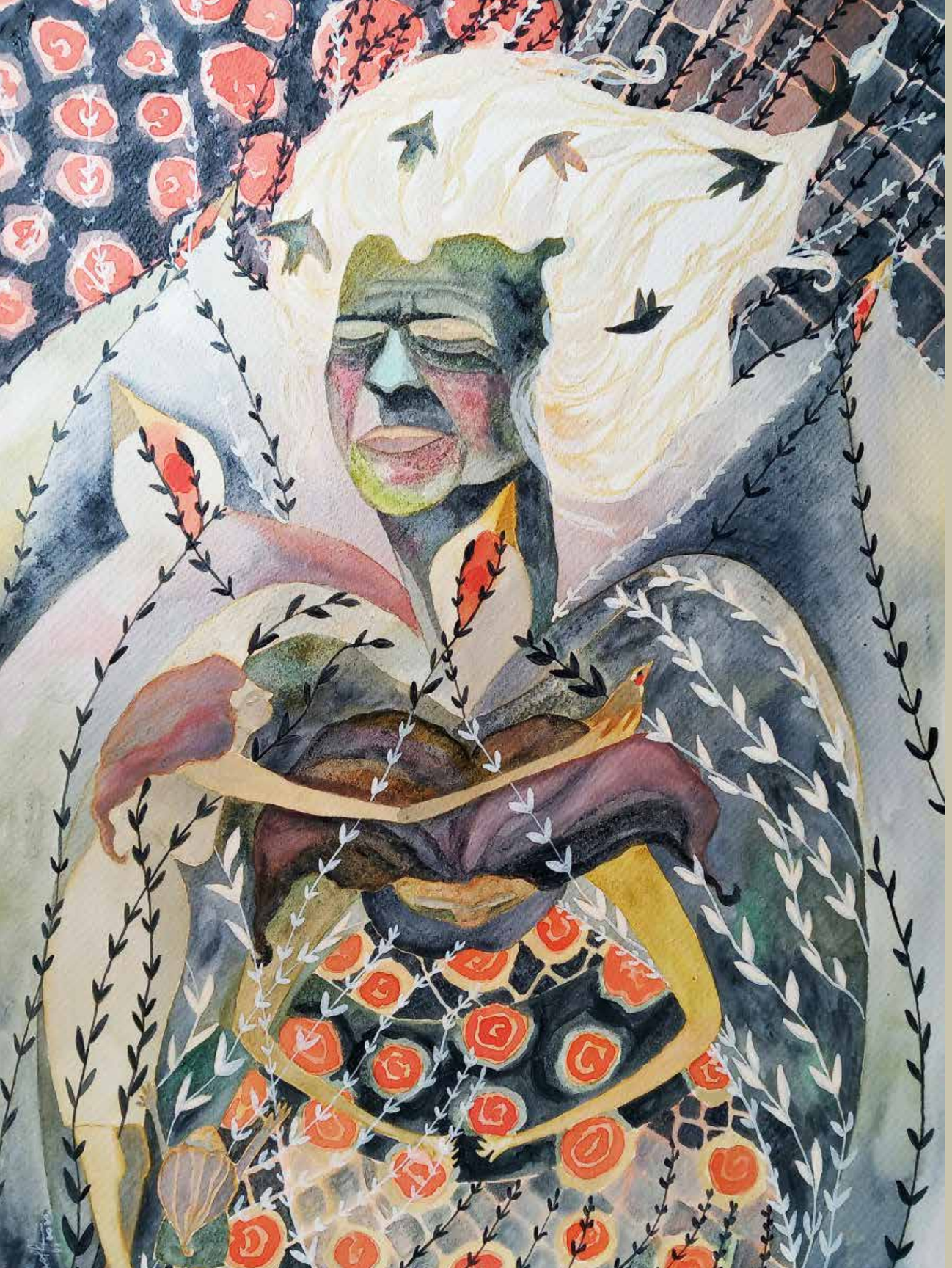
Lembrava constantemente de uma cena do filme do Ray Charles, em que a mãe do Charles garoto ensinava que a deficiência visual deveria ser compensada por uma excelente memória, contagem de passos, obstáculos à frente, corrimão à esquerda, um grande músico o Ray...

Ruth era brasileira, fazia aula de violão, gravava com facilidade os acordes, superou as pestanas, ensaiava suas primeiras composições. Mas os filmes eram sua paixão, principalmente os policiais. Observava com atenção desde a abertura aos pós créditos e letreiros finais. E como boa cinéfila, comentava nos sites, postagens, sempre dando ênfase aos erros de continuidade das cenas, erros de lógica, apontando a falta de uma cadeira na cena, uma manga dobrada a mais, um penteado de forma diferente, uma fala forçada, uma camiseta com dizeres de um figurante ao fundo, quase atrás de um poste. Ela era boa nisso. Na dúvida recorria ao *slow motion* para se certificar do erro.

Então quando voltava de carro naquela noite com sua família, sentada no banco traseiro, com seus pais a frente, mãe dirigindo e pai no banco de passageiro, já que o acordo dos pais era que dirigia quem não tivesse bebido, Ruth ria alto com sua irmã, e nem estranhou uma viatura que andava igual tartaruga. Foi notar quando ela acelerou e jogou na frente do carro da família. Estranhou mais ainda daquele guarda que agora pedia para sua mãe sair do carro, se bem que já estavam bem em frente de casa. Todos saíram do carro, mas cismaram com o pai. Ruth lembrava das coisas que aconteceram antes, na apresentação, durante o caminho, de apreciar a paisagem, que papai vinha contando uma história das antigas, de como eles se conheceram, passaram a namorar... Lembrava de tudo, do vento pela janela, das tranças recentes que apertavam o couro cabeludo, das músicas que Betinha, sua irmã, estava ouvindo, das letras que ela ria mas não entendia o duplo sentido.

Ruth via seu pai ser empurrado contra a parede, como um bandido, sendo revistado no corpo todo, e os policiais perguntando por droga, cadê a droga. A moça pegou sua irmã pela mão e foram para dentro do portão. Sua mãe começou a gravar com seu aparelho chinês de cinco câmeras os três policiais chutando as pernas do marido, empurrando contra a parede, ele dizendo que voltavam de um evento que ele era designer. Sim, um bom pai, até que o policial foi para cima da mãe que gravava ao vivo para uma rede social, e dizia que sem motivo algum estavam sendo tratados como animais, os direitos constitucionais rasgados por aquela abordagem truculenta. Recebe uma gravata, e é jogada no chão com uma rasteira. E o terceiro policial de arma na mão ameaça geral. O pai, que até agora estava calmo, virou um bicho e foi para cima do policial caído com sua esposa no chão. Depois ouviram um tiro de bala perdida que encontrou o coração de sua irmã. Betinha caiu morta.

Na delegacia Ruth conta a história várias vezes, todos ouvem, pedem que ela repita, que não foi daquele jeito, incluem fatos na cena, drogas, omitem a violência gratuita, repetem, repetem, cansam. Desacreditaram que sua família negra morasse naquele bairro, naquela casa vão atrás de imagens de câmeras, inventam falas, dizem que foi legítima defesa. Ruth revive continuamente a mesma cena de terror em *slow motion* em sua mente. Cansaço. Ameaças. Seus pais estão presos, sua irmã está morta e ela continua repetindo a única e verdadeira história.



Taylane Cruz
Mora em Aracaju, Sergipe. Escritora e jornalista formada pela Universidade Federal de Sergipe. É autora dos livros Aula de Dança e Outros Contos (contos), A pele das coisas (contos), O sol dos dias (contos) e Para a hora do coração na mão (crônicas). Já colaborou com diversas antologias pelo país, entre elas "Senhoras Obscenas", "Golpe: uma antologia-manifesto" e "Para não esquecer: cinquenta autoras lésbicas e bissexuais hoje". Atua ainda como palestrante e ministrando oficinas de escrita criativa em escolas, universidades e instituições culturais. Possui contos publicados em diversos sites e revistas de circulação nacional como Época e Palavra (Rede Sesc Sesc). Em 2020 e 2021, participou do Arte da Palavra (Rede SESC Brasil), considerado o maior circuito literário do país.

A POMBA

"Não te lembro macia, mas pelo teu amor pesado eu me tornei uma imagem da tua carne que já foi delicada partida em esperanças traiçoeiras... Mas eu descasquei a tua raiva até o cerne do amor".
(Audre Lorde)

Sabíamos do que Tereza era capaz. Vivíamos numa casa de mulheres e ela, a mais velha, era o vergalhão que mantinha tudo de pé. Nossa mãe, doente, que de tantas filhas envelheceu rapidamente como uma banana, já não dava conta. Por isso, era Tereza a mão de aço a defender o nosso pão. Eu amava Tereza sem saber que aquele pássaro que eu carregava dentro de mim era amor. Venerava-a como se ela levitasse sobre nós, uma santa. Santa de espada e chicote à mão, pois era com rigor que nos adestrava. Vivia apegada às suas saias, me humilhando sem nenhuma vergonha por sua proteção, aceitava qualquer coisa que ela me desse, e o pouco que me dava já era alimento para o meu coração.

Era Tereza quem banhava as mais novinhas, esfregando-nos e ensaboando-nos sem gentilezas, os movimentos rudes e ágeis; penteava-nos, uma a uma, em fileira, e puxava nossos cabelos com tanta força que parecia arrancar raízes da terra. Eu tinha muito medo de perder a cabeça e segurava firme o pescoço quando chegava minha vez de ser penteada. Os cabelos encarapinhados, cheios de nós que ela desfazia habilidosa, o pente cantando entre os fios pretos. Ao final, nos colocava diante do espelho e eu, apaixonada, me sentia uma rainha, a cabeça desabrochada numa nuvem de borboletas. Ai daquela que reclamasse! Tereza dava logo um safanão, um beliscão de arrancar o couro, um tapa bem no meio da cara. Apanhamos tantas vezes de suas mãos. Surras de cinta, vara de bambu, bainha de facão. As mais espertas fugiam, se escondiam até sua raiva passar. As mais medrosas, entre elas eu, entregavam-se logo com medo de uma punição pior. Entregava-me ao sacrifício e a surra vinha em golpes impiedosos, palavrões que me marcavam mais do que a ponta de uma fivela. Tereza era habilidosa em castigar, sabia como ninguém colocar medo, nos fazer obedecer. Comandava aquela casa sem perder um instante de domínio. Era o tempo todo sua grande mão sobre nós ensinando-nos a arquitetura do cotidiano sem ternuras, guiando aquele bando de meninas por caminhos de pedra, quase sem nenhum carinho ou flor. Ainda assim eu a amava mesmo sem saber que aquele pássaro louco e faminto dentro de mim era amor. Passava o dia inteiro seguindo Tereza, franzina, abobalhada, a mais feinha das irmãs, quase muda, eu só sabia chorar e assoar o nariz com as costas das mãos. Era doente, mole das pernas, tinha desmaios misteriosos que Tereza, com as palmas das mãos, foi quem curou. Levou-me num terreiro certa manhã, Mãe Tita ao seu lado encantando e guiando as palavras, as ervas sobrevoando a minha cabeça, um cheiro mágico de alfazema e flor. Eu de olhos bem fechados, que para ficar de olhos bem fechados Tereza me ordenou. Mãe Tita explicava como se Tereza fosse sua aprendiz, eu ali sentadinha querendo desmaiar outra vez que os desmaios eram um, dois, três por dia. Era um mistério! Eu apagava assim como se apaga uma plantinha dormideira, ou como se apaga de repente uma luz. Mas desta vez Tereza não deixou. Com as palmas de suas mãos me banhou e, de repente, senti que eu era uma chama acesa. A cada toque das mãos de Tereza meu corpo acordava, eu querendo saltar, brincar. Mãe Tita sentenciou: "Agora essa menina não desmaia mais". Saímos de lá alegres, Tereza sorrindo e era raro demais Tereza sorrir.

"Vem comigo buscar alguma coisa pr'o almoço", ela falou numa bifurcação, quando voltávamos do terreiro de Mãe Tita.

Ser convidada a ir com ela buscar comida era o mesmo que ser escolhida entre mil. Senti uma alegria tão grande que chegou a me machucar, era o pássaro dentro de mim querendo voar? Logo eu, a mais franzina de todas, a mais bobalhona, a mais medrosa, fui a escolhida. Aceitei e estufei o peito como se vestisse uma armadura. Tereza segurou minha mão e deu um puxão que quase arrancou meu braço magricela. Peregrinamos pelas ruas à cata de qualquer coisa, mas estava difícil arranjar algo que desse para todas nós. Desta vez, ela não queria restos, muxiba, batatas cheias de feridas que ganhava na feira. Queria nos dar algo mais substancioso, queria celebrar a minha cura com umas salsichas, um frango gordinho talvez. Havia dias em que Tereza voltava de mãos vazias e íamos todas dormir com as lombrigas brigando. Ai de quem reclamasse! Ela dava logo um grito, sua voz ribombante estourando as ripas e o telhado da casa feito um trovão.

Mas naquela manhã demos sorte. Tereza encontrou com seu Abel. Ele lhe disse para irmos até o seu quintal, pois havia algumas pombas e, se ela quisesse, poderiam negociar. Tereza seria capaz de tudo para não voltarmos para casa de mãos vazias. Éramos muitas meninas, muitas bocas para ela alimentar. Foi até o quintal de seu Abel, eu atrás farejando seus passos. Ele deu o preço. Tereza me pediu para esperar na porta. Fingi obedecer, mas era grande demais a tentação, então fiquei ali de tocaia, me esgueirando para não ser vista. Ela tentou negociar, pediu a seu Abel para ponderar afinal todas nós dependíamos dela para comer, se ele quisesse ela passava lá depois, lavava uma trouxa de roupa para ele, era lavadeira boa. Ele, irredutível, negociador ganancioso, não aceitou, o preço estava dado, era pegar ou não, e já foi tirando o cinto, crescendo diante dela como uma naja. De joelhos, ela pagou o preço exigido pela pomba. Eu espiava Tereza ali ajoelhada, Seu Abel de olhos fechados como um santo em estado de levitação. O pássaro que vivia dentro de mim sufocava, queria irromper do meu peito, arribar e pousar sua luz no coração de Tereza. Mas não deu tempo. A naja de Seu Abel cuspiu em Tereza, ele gritou, empurrou Tereza e o pássaro dentro de mim morreu.

Na volta para casa, durante todo o caminho eu a acompanhava silenciosa e claudicante. Na sacola de pano, a pomba se debatia tentando liberar-se da cordinha que, em apertado laço, amarrava seus pés e asas. Em casa, Tereza tirou a pomba da sacola de pano e sangrou-a no pescoço sobre a pia de cimento. Nós, as menores, fechamos os olhos deixando apenas uma fresta para espiar. A pomba espichou uma fita fina de sangue ao toque letal da faca, o pescoço pendeu molenga, os dois olhinhos abertos congelaram, o bico enrijeceu. Tereza limpou e depenou o animal com a mesma aspereza com que penteava nossos cabelos, puxando indiferente pena por pena. A cada pena arrancada colocávamos as mãos sobre a cabeça sentindo de perto a dor. Assou e serviu a pomba avisando que cada uma de nós poderia comer apenas um pedacinho. A pomba reluziu apetitosa, sua carne se abriu numinosa sobre a mesa. Tereza ordenou para que uma de nós começasse a oração. Lá em casa era assim, nenhuma côdea de pão entrava na boca antes de fazermos a oração. Eu, tartamuda, a mais bobalhona, fui a escolhida da vez. Tinha muito medo de errar, pois Tereza dava um tapa na boca de quem não dissesse bem as palavras, fazia questão de nos ensinar. Comecei:

"Ó Virgem Santinha, mãezinha de todas nós, protege a cada uma, somos suas filhinhas, noivinhas castas e puras do Senhor. Amém".

Tereza ficou satisfeita, até me fez um carinho e elogiou minha habilidade com as palavras. Disse que, apesar de bobalhona, quem sabe um dia eu virava poeta. Recebi o elogio como um afago, sua mão quente fazendo uma carícia em mim. Partiu os pedaços, distribuiu-os entre todas nós. Esfomeadas, devoramos a pomba deixando sobre a mesa apenas os ossinhos que, de tão miúdos e finos, pareciam espinhos. Comemos com graça e amor, e só eu vi os espinhos espetando, sem piedade, a carne de Tereza, enquanto seus olhos pingavam sangue sobre a toalha branca da mesa.

Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917)
Nasceu em São Luís do Maranhão. Pioneira, aos 22 anos, tornou-se a primeira professora concursada do estado, com uma cadeira de instrução primária. É de sua autoria o que é considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro, Úrsula (1859). A obra também é a inaugural quando se trata da escrita de mulheres negras. Maria ainda escreveu poemas e artigos críticos, além de algumas composições musicais. Outros livros relevantes da autora são Parnaso Maranhense (1861), Cantos à beira-mar (1871) e A escrava (1887).

TRECHO DO ROMANCE 'ÚRSULA'(1859)

Estavam já feitos os aprestos da viagem, e Túlio, entanto no meio da sua felicidade parecia às vezes tocado por viva melancolia, que se lhe debuxava no rosto, onde uma lágrima recente havia deixado profundo sulco. Era por sem dúvida a saudade da separação, essa dor, que aflige a todo o coração sensível, que assim o consumia. Ia deixar a casa de sua senhora, onde senão ledos, pelo menos não muito amargos tinha ele passado seus primeiros anos. O negro sentia saudades.

E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira e feliz, única na vida do homem que se grava no coração com caracteres de amor – única, cuja recordação nos apraz, e em que ....*

Susana, chama-se ela; trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssirnas cãs.

Túlio estava ante ela com os braços cruzados sobre o peito. Em seu semblante transparecia um quê de dor mal reprimida, que denuciava o seu profundo pesar.

A velha deixou o fuso em que fiava, ergueu-se sem olhá-lo, tomou o cachimbo, encheu-o de tabaco, acendeu-o, tirou dele algumas baforadas de fumo, e de novo sentou-se: mas desta vez não pegou no fuso.

Fitou então os olhos em Túlio, e disse-lhe:

– Onde vais, Túlio?

– Acompanhar o senhor Tancredo de *** – respondeu o interpelado.

– Acompanhar o senhor Tancredo! – continuou a velha com acento repreensivo – Sabes tu o que fazes? Túlio, Túlio!

Depois de pausa, ajuntou:

– Não sentes saudades desta casa, ingrato?!

– Não, mãe Susana, não me alcunheis de ingrato. Quantas saudades levo eu de vós! Oh só Deus sabe quanto me pesam elas!

– Tu!? – exclamou ela, procurando ler-lhe no fundo do coração os sentimentos que o animavam. – Tu não levas saudades algumas. Túlio; se as levasses, quem te obrigaria a deixar-nos?

– A gratidão – respondeu ele com presteza.

– A gratidão!? E não a deves à senhora, que para ti tem sido quase que uma mãe? Não a deves à menina? e por que as deixas? É que não sentes saudades delas.

– Oh! Sinto-as, sinto-as, e muitas, mãe Susana!

– Então não procures ir com esse homem, que apenas conheces! Olha, ainda há pouco vi uma lágrima pender dos olhos dessa boa menina, essa lágrima, creio que lhe arrancou do coração a notícia da tua partida... e tu vais-te! Quando voltarás aqui?

– A nossa separação, disse-me o senhor Tancredo, será por pouco tempo. Volto para junto de vós, mãe Susana, e a senhora não reclamará em vão os meus serviços.

– A senhora! – Replicou a velha com mágoa – essa, meu filho, jamais reclamará os teus serviços; ou eu me engano, ou tu vais dizer-lhe o último adeus!

– Túlio, – continuou – não sabes quanto sofro quando recordo-me de que a nossa querida menina vai tão breve ficar só no mundo! Só, Túlio! Quem a acompanhará? Quem poderá consolá-la! Eu? Não. Pouco poderei demorar-me neste mundo. Meu filho, acho bom que não te vás. Que te adianta trocares um cativeiro por outro! E sabes tu se aí o encontrarás melhor? Olha, chamar-te-ão, talvez, ingrato, e eu não terei uma palavra para defender-te.

– Oh! quanto a isso não, mãe Susana – tornou Túlio – A senhora Luísa B... foi para mim boa e carinhosa, o céu lhe pague o bem que me fez, que eu nunca me esquecerei de que poupou-me os mais acerbos desgostos da escravidão, mas quanto ao jovem cavaleiro, é bem diverso o meu sentir; sim, bem diverso. Não troco cativeiro por cativeiro, oh não! Troco escravidão por liberdade, por ampla liberdade! Veja, mãe Susana, se devo ter limites à minha gratidão: veja se devo, ou não, acompanhá-lo, se devo, ou não provar-lhe até a morte o meu reconhecimento!...

– Tu! tu livre? ah não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és já livre?..

– Iludi-la! – respondeu ele, rindo-se de felicidade – e para quê? Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo sou hoje livre, livre como o pássaro, como as águas; livre como o éreis na vossa pátria.

Estas últimas palavras despertaram no coração da velha escrava uma recordação dolorosa; soltou um gemido magoado, curvou a fronte para a terra. e com ambas as mãos cobriu os olhos.

Túlio olhou-a com interesse; começava a compreender-lhe os pensamentos.

– Não se aflija – disse – Para que essas lágrimas? Ah! perdoe-me, eu despertei-lhe uma ideia bem triste!

A africana limpou o rosto com as mãos, e um momento depois exclamou:

– Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria às descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: – uma filha, que era a minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! tudo, tudo até a própria liberdade!

Estava extenuada de aflição, a dor era-lhe viva, e assoberbava-lhe o coração.

– Ah! pelo céu! – exclamou o jovem negro enternecido – sim, pelo céu, para que essas recordações!?

– Não matam, meu filho. Se matassem, há muito que morrera, pois vivem comigo todas as horas.

Vou contar-te o meu cativeiro.

Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o mendubim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria-se para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah! nunca mais devia eu vê-la...

** Há a ausência dessa linha no original fac-similar. Consta que a família do ex-governador Nunes Freire extraviou o único exemplar da edição de 1859.*

SOBRE O FUNDO AZUL DA INFÂNCIA

Pipa — aquela de papel de seda, vareta produzida por alguma máquina, rabiola colorida que lembra as bandeirinhas de São João e colocada no ar com linha de pesca — era só para quem podia pagar. Para nós, o negócio era pandorga feita de sacola de mercado, vareta de taquara cortada com faca de serrinha e rabo — não rabiola — de tiras de roupa velha. E a linha? A linha é que era o problema.

Tônio Caetano
É escritor, especialista em Literatura Brasileira pela PUCRS e servidor público municipal. É filho de Virginia e Armindo, cresceu correndo com os seis irmãos pelas lombas da Vila Vargas, periferia de Porto Alegre. Autor do livro Terra nos cabelos, Editora Record, Prêmio SESC de Literatura 2020 na categoria Conto, e do livro Sobre o fundo azul da infância, Editora Venas Abiertas, Prêmio Academia Rio-Grandense de Letras 2021 na categoria Narrativa Curta. É uma pessoa em busca da própria voz, do seu lugar na luta que cabe a cada um diante da realidade, da página em branco e de si.

Um dia, Edmundo disse:

— Eu sei como a gente pode descolar a linha.

Já nos olhamos pensando em quanto ia custar. O Edmundo era o mais velho de nós. Sabia de tudo, principalmente onde descolar as coisas de que se precisava. E fazia fiado, sempre havia alguém devendo para ele. "Descolar" era uma palavra perigosa, principalmente quando cochichada depois de uma olhada disfarçada para os lados. Assim, a gurizada se aproximou, e ele desenrolou a fita; aliás, a linha:

— Vamo roubar uns varal.

— Varal de roupa? — alguém perguntou.

— Isso, mas tem que ser novo.

Sim, eu roubei. Mas... não tem "mas", eu sei. Só que naquela época as brincadeiras na vila eram por tempo. Se você não brincasse, perdia; o tempo da brincadeira passava e começava uma nova — taco, osso, bolita, carrinho de rolimã, carteira, polícia e ladrão — e já era a vez da minha pandorga.

Alguns desistiram. Saímos os quatro, Edmundo, Teco, Bola e eu. Tentando não dar muito na vista, entramos em dupla no mercado. Depois entendi que havia uma ética: não se roubava em venda ou mercadinho. O negócio era de mercado para cima. Supermercado nem se fala; o Carrefour tomou muito tufo nas rodas dos carrinhos de compras, na época da bolita e do carrinho de rolimã. Mas esta é outra história.

Antes de entrarmos, Edmundo disse:

— Os varal ficam no fundo, bem embaixo na prateleira dos sabão e dos pano de prato.

— Vô pegá uma cestinha pra disfarçar — Bola garganteou.

— O segurança vai te dá com a cesta na cabeça — Teco falou, se rindo.

Não entendi por que os mais novos foram primeiro, e o nervosismo aumentou quando Bola pegou uma cesta. Estavam lá, bem na parte de baixo da prateleira, os varais de roupa. Baratinho, mas ainda assim distante das moedas que eu tinha no bolso. Quando Bola, alucinado, começou a encher a cesta com sabonetes e a me encarar com os olhos arregalados, como quem diz "pega logo essa merda!", eu, com as pernas bambas e o suor coçando atrás da orelha direita, olhei para um lado e para o outro e, rápido feito quem acha dinheiro na rua, enfiei dois varais na cueca. Nem vi o que Bola fez com a tal cesta. No momento em que pisei fora daquele mercado, minha vontade era de sair correndo até em casa.

Agora não havia mais volta. Eu tinha ultrapassado um limite. Isto não saía da minha cabeça, enquanto Bola e eu ficamos na rua atrás do mercado, esperando o Edmundo e o Teco buscarem o varal deles. Aqueles minutos duraram horas, e mais horas ainda, a caminhada de volta às pandorgas.

Mas então o encanto aconteceu: nunca tinha imaginado como um varal era feito e agora aprendia a desfiá-lo, "desvaralá-lo". De linha em linha, puxando e esticando, desfizemos cada um o seu. O fio solto, com muitos nós, emendava-se no outro e ia sendo enrolado num toco de madeira

qualquer e formando o rolo. A minha pandorga era amarela, feita de uma sacola de fruteira cheirando a cebola; o rabo, de tiras da camiseta que minha mãe me trouxe da doação na igreja e que eu odiava. Subimos o morro das antenas desbravando o terreno ainda sem casas entre ramos de marcela e a coceira que as mutucas davam nas canelas.

Pipa tinha cara de parque, beira da praia, criança branca correndo com o pai tentando "empinar". Pandorga tinha cara de topo de morro, de pele negra e cabelo crespo, de amigos bem longe dos pais. Enfim, pandorga não se empinava, pandorga se soltava.

— Aqui tá bom — Teco disse.

— Sai pra lá, alivia um pouco — mandou Edmundo, com uma cara séria, demarcando seu espaço no topo do morro. A minha amarela cambaleou no começo, mas depois que arranquei um pedaço do pano do rabo se equilibrou e pôde ganhar o céu. Tudo tão fácil, tão natural como o entrar e o sair de uma idade, como o passar do tempo de uma brincadeira ao de outra. Difícil definir aquela sensação boa de dominar a pandorga e ir desenrolando a linha e sentir que respondia a cada comando, como uma extensão de mim: eu começava no chão, com os pés no marrom empoeirado da terra, e terminava lá no azul limpo do céu.

Feito vento, tudo mudou tão rápido; Bola jogou a pandorga dele lá no céu num ataque certeiro contra a minha. Edmundo e Teco riam enquanto puxavam suas pandorgas enrolando rápido a linha. O amarelo agonizava, se debatia no azul feito peixe novo a aprender na carne o que é anzol. Bola deu mais uns puxões e a minha linha perdeu a força, a pandorga foi à baía, despencou para longe frente a meus olhos apavorados. Tive vontade de bater nele, fazê-lo chorar na frente dos outros, mas sem pensar desci o morro na direção em que o vento levava a pandorga.

Corri. Não sei se chorava, não sei se pisei num cacto bolinha, daqueles com flor amarela que eu pretendia levar de presente para minha mãe quando descêssemos o morro. Corri até perceber que não adiantava mais correr. A pandorga se abraçava feito aqueles tênis pendurados pelos cadarços nos fios de luz. E tremia de forma barulhenta com a ação do vento a enredar-se ainda mais.

Quando meu pai chegou do trabalho, não foi fácil: ele sabia de tudo. Chorei pela surra, pelo jeito que a minha mãe me olhou, por começar a entender que ele tinha informantes na vila e tudo de errado que eu fizesse durante o dia, de noite acabaria naquele tipo de choro que ultrapassa as paredes da casa e faz os vizinhos rirem. Mas esta também é outra história.

O amarelo barulhento ainda estava lá lutando contra o destino no outro dia. Todas as manhãs eu passava por ali a caminho da escola e, num tempo impreciso, veio o desbotar da cor. Amarelo sem amarelo é mais triste sobre o fundo azul da infância. E, então, restaram só as varetas, um esqueleto seco, feito esse passado que ainda volta, principalmente quando perguntam se já roubei na vida.

Wilson Alves-Bezerra (São Paulo, 1977)
Dedica-se à prosa de ficção, à poesia em prosa, à crítica literária de autores latino-americanos e à tradução literária. Em Portugal, publicou antologia de seus poemas Exílio aos olhos, exílio às línguas (Oca, 2017), as duas edições de O Pau do Brasil (Urutau, 2017 e 2019), seu work in progress de poemas políticos sobre o Brasil contemporâneo. Necromancia Tropical agora lançado pela Douda Correria é um projeto iniciado em 2020, cujos primeiros poemas foram lançados em disco virtual, Catecismo Moreninho (Livraria Orgânica, 2020). No Brasil, publicou ainda Histórias zoófilas e outras atrocidades (contos, EDUFSCar / Oitava Rima, 2013), Vertigens (poemas em prosa, Iluminuras, 2015), O Pau do Brasil (poemas em prosa, Urutau, 2016), Vapor Barato (romance, Iluminuras, 2018) e Malangue Malanga (Poemas em prosa, Iluminuras, 2021). Tem ainda obras publicadas no Chile [Cuentos de amor, memoria y muerte (contos, LOM, 2018)], Colômbia [Catecismo salvaje, poemas, El Taller Blanco Ediciones, 2021] e El Salvador [Selección de poesía, Secretaria de Cultura de San Salvador, 2021]. Seu livro de poemas Vertigens ganhou o prêmio Jabuti em 2016, na categoria Poesia – Escolha do leitor. Já colaborou como resenhista para alguns veículos do Brasil (O Globo, O Estado de S. Paulo, Cult, Jornal do Brasil, Zero Hora) e México (El Universal). É autor dos seguintes ensaios: Reverberações da fronteira em Horacio Quiroga (Humanitas/FAPESP, 2008), que acaba de ser publicado no Uruguai [Reverberaciones de la frontera en Horacio Quiroga, Más Quiroga, 2021], Da clínica do desejo a sua escrita: incidências do pensamento psicanalítico na obra de alguns escritores do Brasil e Caribe (Mercado de Letras/FAPESP, 2012) e Páginas latino-americanas – resenhas literárias (2009-2015) (EDUFSCar / Oficina Raquel, 2016). Como tradutor, foi responsável pela versão de autores latino-americanos como Horacio Quiroga (Contos da Selva, Cartas de um caçador, Contos de amor de loucura e de morte, todos pela Iluminuras), Luis Gusmán (Pele e Osso, Os Outros, Hotel Éden, todos pela Iluminuras) e Alfonsina Storni (Sou uma selva de raízes vivas – obra que contou com o apoio da Casa do Tradutor Looren, de Wernetshausen, Suíça). Sua tradução de Pele e Osso, de Luis Gusmán, foi finalista do Prêmio Jabuti 2010, na categoria Melhor tradução literária espanhol-português. É doutor em literatura comparada pela UERJ e mestre em literatura hispano-americana pela USP, onde também se graduou. É professor de Departamento de Letras da UFSCar, onde atua na graduação e na pós-graduação.

CHAMA

Queima ele, senhor,
o país que sobrou.

O mato, a mata, o
matuto, o macaco
Tudo vai ser dizimado
Mata a menina na maloca,
Mata o molambo,
Mata o menino na escola,
Mata a matilha de lobos guará
Mata a mocambo,
Mata o mulato no metrô
Mata quanto se move
Mata o mico e a banana
Mata na maloca o malungo,
Arremata o morto no Catumbi
Mata tudo que se move por aqui.

Queima ele,
Queima muito, senhor,
o país que sobrou.
Queima quanto vive,
Queima fundo,
Queima, senhor.

Mata a onça
O tuiuiú em seu voo
A garça, a cutia, a moça
Asfixiada, o seu olhar de horror
Mata o jacaré, queima o angelim
Não deixa nada de pé
Queima, em mim, senhor,
É o certo,
Construir o deserto
Em sete dias,
para replantar depois
A obra de Cristo
cimentado
sobre a sombra sinistra
do rastilho do nada que ficou
Soja transgênica
gado nazista,
transfóbico
fazendeiro misógino
na chalana racista
do rio do pavor.
Queima ele,
Queima muito, senhor,
o país que sobrou.
Queima quanto vive,
Queima fundo,
Queima, senhor.
Queima meu alento
Queima meu alívio
Queima a história
Queima tudo quanto sou.

Funda sua Igreja de misérias
Sua igreja de mortos, senhor
Seu altar todo de cinzas,
Seu catecismo de iras,
Seus fiéis de horror.
Funda a igreja perversa
Na fazenda de ossos
Da terra do pau brasil

Frita peixe na chama
vista seca
Garganta trinca
Cabeça lateja
Nó no peito,
O mandatário consente
Queimar meus olhos,
Para votar consciente,
De novo,
Queimar meus dedos,
Para não dizê-lo,
Não saber da morte, nem do medo
Queimar pau, perereca, útero, grelo
Queimar quanto fulge,
quanto sangra,
quanto vive,
quanto sente.
Queima, prende, arrebente
Para que nada se regenere.
Queima que fazendeiro
prometeu a pastor
mais igreja, quanto mais soja brotasse,
mata maldita, mata pisada,
mata agreste,
A mata é a moita

A mata é pouca.
A mata é nada.
Mana água de cinza
Da bica da boca dos ratos.
Queima ele,
Queima muito, senhor,
o país que sobrou.
O pantanal é o forno
Do seu campo de concentração

Mata meu grito
Absorto
Meu horto de martírios
de horrores que causou.
Mata de novo
os cento e trinta mil mortos.
Mata, genocida,
quem já morre à míngua.
Mata, que há muita vida ao redor.

Vem que te queimo,
Jesus de azulejo,
Igreja de cheetos,
Pastor de tergal,
Fazendeiro organoclorado,
Que te caço,
Feito cada onça que você queimou.
Vem que a gente te mata.

Mata-Macunaíma
Mata-Muiraquitã
Mata-Mãe d'Água
Mata-Cunhatã
Mata-Maria da Penha
Mata-Prenha
de Amor
Mata-Marielle,
Mata-Mais amor
Mata Viva
Máxima
Mata Atlantica,
Amazônica,
pantaneira,
Atávica-Mata
Mata-Zumbi
Mata-Marighella

- Eu recuso a chama sinistra
de quem me incendiou.

JAULA

Do fundo da jaula
duzentos milhões de almas
na falta de uma rapadura
roem a aba do espírito nacional,
O espírito festivo, acolhedor, unívoco
celebra a morte
na falta da possibilidade de escolher
viver
no país,
ilhéu
ou bolha
que se chamou outrora
a Terra de Vera Cruz.

À míngua,
morde o cachorro
a língua.

Menina, você lambe as cinzas do tempo,
Por dentro você roi os dias que lhe habitam.
Do fundo dos olhos do massacre
do fundo da boca violada
da memória ferida
ouve-se
como grita a minha alma enforcada na minha tripa.

Eu sou a mera repetição
- a angústia de dizer o mesmo.
Eu sou o tempo que se copia.
Aqui morrem mil por dia.
Aqui morrem mil
Aqui vivemos sempre o mesmo
A entropia.

Eu sou o fim da esperança
e da nostalgia.
Eu sou o inimigo que você escolheu para lhe matar.
Minha boca cheia de lamentos

repete-se no tempo que não passa
Eu sou a miséria sem cachaça.
A queda do meu corpo na calçada.
Abri mão das esperanças,
vós que entrais
na jaula nacional.

Quanto tempo mais?
Não tarda.
Quanto tempo ainda?
Não finda.
Quanto tempo agora?
A hora zero.

Grite cada um dos seus ais
você não representa nada.
Mais nada. É fria a manhã.
Silenciosa a rua.
Os homens de bem foram trabalhar.
Os homens pobres morreram de frio.
As mulheres violentadas no confessionário.
As mulheres não vão poder falar.
Você vaga entre carcaças nuas
no dia mil do massacre.

Ainda tarda. Hora zero. Não finda.

No dia seguinte se celebra:
o trabalho liberta.
Você não quer entrar?
Ativa os músculos, libera as endorfinas.
Não quer entrar mesmo?
No dia mil e um do massacre
eu era magro e o forno ardia.
O meu líder dizia:
pode entrar, de peito aberto,
seu destemor salva minha família.

Terra de Maricas não mais, ele dizia.
Porque aqui se chama ainda
a terra do Pau Brasil.
Você viu?
Estupra-se ante o olhar complacente
do juiz.
Éramos o futuro.
Mas o Zweig meteu a bala na cabeça errada.

Não tarda agora
Não finda.

E você escolheu a dedo,
tão cedo,
o gatilho com a mão do inimigo.

Navegar era preciso
Um tiro certo vale mais,
Você disse.

Presidente, presidente,
eu me pergunto:
qual dos defuntos sou eu?
Minha cama na gaveta no IML
Minha família me liga e pergunta
se sou eu na foto.
Não posso dizer, respondo,
porque não sei ao certo.
Já não sei ao menos
quem era seu na cena.

O juiz garante que sou eu,
mas me ressuscita para me meter na jaula.
Meritíssimo exala o espírito do tempo.
Corrói-me por dentro a mesma risada.

Não finda,
Não tarda

O magistrado enquanto julga pisa
na placenta da minha alma
enforcada na minha tripa.

FALO SOZINHO

Brasil, a rua é perigosa.
O morador de rua é perigoso
O comunismo é perigoso.
Os artistas são perigosos.
Só eu não sou perigoso.

Brasil, eu falo sozinho com você enquanto a turba se agita.
Brasil, estou praticando a tautologia para a fraternidade do Alzheimer.
Vivo e escrevo poesia como quem entrega panfletos na chuva
e consola a viúva com promessas de juventude.

Brasil,
Boas festas
- não tem festas
Brasil, boa sorte
- não tem sorte
Está tudo bem?
- não está.
Brasil, esse é o resumo de todos os meus natais.

Brasil, você abriu mão da negritude ou foi o Sargentelli?
Brasil, você escolheu saudar Queiroz e os querubins
e no dia do natal não sabia quem colocar em seu presépio.

Brasil, porque depois de dois anos eu ainda não
posso assistir Marighella no cinema?
Brasil, você abriu mão da política ou foi só o jornal que demitiu todo mundo?
O seu sorriso zumbi depõe contra nossa alegria congelada
em baixos teores de sódio indicada a dietas poucos calóricas
sem adição de conservantes, para celíacos, diabéticos e eleitores do Amoedo.

Brasil, você viu como os belos corpos marrons aguentam nos refrigeradores?
Ando pensando em criar uma central de congelamento aos parentes saudosos.
Brasil, estamos novamente entrando na Roda Viva.
Daqui não sairemos nem para ir ao hospital.

Brasil, não há vagas no mar nem nos leitos da Amazônia.
Amontoam-se corpos no balcão de empregos

e já nem sei quem controla as senhas.
Brasil, a Folha de São Paulo publicou mais um editorial dizendo basta
e no caderno seguinte tinha uma bela reportagem falando do novo normal.
Brasil, meu colega da universidade insistiu que daqui por diante é cada um por si
e se cagou inteiro quando chegou a Polícia.

Brasil, os negros estão cavando suas covas,
As balas estão encontrando suas costas.
Haverá chumbo o bastante para toda a carne nossa?

Brasil, hoje eu vi no jornal que a cada hora que passa morre mais gente
e logo o adsense me interrompe para perguntar se não quero aumentar meu pênis.
Brasil, quanto de pênis é preciso para ser um cidadão mediano?

Brasil, eu acho realmente que o presidente não deveria ser mantido vivo.
Se ele fosse o meu cachorro eu pediria ao veterinário para sacrificá-lo.
Faríamos uma bela cerimônia de cremação e acabaríamos com essa agonia lenta.

Brasil, trezentos reais de auxílio emergencial e vacina
para todos só daqui a dezesseis meses.
Se eu não conhecesse nossos mortos, poderia dizer que eles foram inventados.
Brasil, cada corpo que tomba diminui a minha expectativa de vida.

Eu estou apostando perante todos aqueles que me ouvem na chuva
que o ano que vem vai ser ainda pior e seremos esmagados como pessoas brasileiras.
Brasil, meu estoque de metáforas ficou estocado num armazém sujo.

Brasil, é tarde demais para sua culpa cristã
e todo dia me lembro da Hebe Camargo dizendo que não é preciso uma língua
estrangeira se você puder chacoalhar seu cartão de crédito na fuça de um gringo.

Brasil, eu apagaria as luzes se pudesse mas já nada brilha por aqui.

Nota: os três poemas fazem parte do projeto Necromancia Tropical, publicado
em Portugal pela editora Douda Correria em 2021 e ainda inédito no Brasil.

Zainne Lima da Silva (1994)
É moradora de Taboão da Serra, zona metropolitana de São Paulo. Bacharela e licencianda em Letras pela FFLCH-USP. É poeta, escritora, arte-educadora, revisora e professora do ensino básico. Autora de Pequenas ficções de memória (Ed. Patuá, 2018), de Canções para desacordar os homens (e-book independente, 2020) e de Pedra sobre pedra (Ed. Popular Venas Abiertas, 2020). Publicou em diversas antologias impressas e virtuais, como Cadernos Negros (vols. 41 e 42), em portais e em revistas de literatura. Foi finalista do Programa Nascente USP em 2016, 2017 e 2018, recebendo Menção Honrosa pela crônica A história de Maya, em 2017.

OURIVES

acordar com uma pedra em cima do coração
escrever sobre a pedra
(limpar a pedra
analisar a pedra
moer a pedra
polir a pedra
entalhar a pedra
adornar a pedra)
ser apenas vitrine para que a pedra brilhe.

A EDUCAÇÃO PELA PEDRA OU A EDUCAÇÃO PELA NOITE

de madrugada eu trabalho
eu e os pedreiros construindo
em frente à minha casa

erguemos obras de tijolo e cimento
a cada rabisco da caneta
ajunta-se um reboco de parede

eu também sou arquiteta popular
com algumas pedras noturnas ergo
a minha poesia.

KIANGA

Para Ellen

és tu quem tem a água morna de embalar os filhos.
os filhos de todo o mundo ganham colo através de teu afeto.

inteiro, o teu ser nina uns sonhos de quem apenas tem pesadelos. és
tu o raio de sol amarelo ouro que banha a tarde Ancestral.

és a encarnada Mãe de Rio, és Sacya Ama,
és minha avó, és minha mãe, és minha filha.

és a que segue o curso baixinho, quase para ninguém ouvir; és lagoa.
também és cachoeira, és barragem de grito e canto veementes.

és o florescer da menor e mais límpida nascente. és a vontade de qualquer ser-tão: ser água.

PLIÉ
REVISTA LITERÁRIA